

MARIA DE LURDES DA GRAÇA GONÇALVES

DIALETOS GESTUAIS EM PORTUGAL

Orientador: Professor Doutor Manuel Costa Leite

Coorientadora: Mestre Mariana Sousa Martins

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2012

MARIA DE LURDES DA GRAÇA GONÇALVES

DIALETOS GESTUAIS EM PORTUGAL

**Dissertação apresentada no curso de mestrado para a obtenção do Grau de
Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio**

Orientador: Professor Doutor Manuel Costa Leite

Coorientadora Mestre Mariana Sousa Martins

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2012

AGRADECIMENTOS

Agora chega ao fim mais uma etapa importante na minha vida... Ao longo de todos estes meses aconteceram momentos importantes, por isso tenho de, na elaboração deste trabalho, agradecer às pessoas que se disponibilizaram a ajudar-me, pois, estou consciente de que, sem o apoio de todos, esta etapa teria sido bastante difícil de concluir.

Quero agradecer em primeiro lugar, e de uma forma especial, à Mestre Mariana Sousa Martins, por ter aceite ser minha tutora na elaboração desta tese, pois sem a sua ajuda teria sido praticamente impossível. E também ao Professor Doutor Manuel Costa Leite pela orientação prestada ao longo da realização da tese. Em segundo lugar, tenho de estar grata aos membros da comunidade surda, em especial ao professor Hélder Duarte, que me esclareceu muitas vezes sobre o tema em estudo e me ajudou nalgumas filmagens. Além disso tenho de referir a colaboração de João Alberto Ferreira, Carla Machado, António Pinto, Cláudia Silva, Fernando Padeiro, Aldónio Pestana, Célia Reis, Brígida Ferreira, Filipe Nunes, Joaquim Machado, Ema Gonçalves, Sofia Afonso, Amílcar Furtado, Bruno Azevedo, ao disponibilizarem-se para efetuarem as filmagens que lhes solicitei e que possibilitaram este estudo. Agradeço também ao Fábio Brito, pois, sem ele, eu não teria conseguido efetuar a filmagem de mim própria, o seu contributo nesta tese também se revelou muito importante.

Torna-se também importante agradecer à intérprete de LGP, Tânia Vilão, que me ajudou na tradução da LGP para a língua portuguesa durante todo o trabalho.

Por fim, mas não menos importante, dedico esta tese aos meus filhos e ao meu marido por todo o esforço que fizeram, para que eu pudesse concretizar este sonho. Um agradecimento especial por todos os conselhos dados, pelas horas de escuta, de envolvimento, de partilha, de atenção de amor e de carinho.

RESUMO

Os dialetos das línguas orais consistem numa variação linguística que se pode concretizar, sobretudo em alterações fonológicas e lexicais que derivam da diferenciação geográfica. Na língua gestual portuguesa (LGP) parece verificar-se o mesmo fenómeno, embora a motivação para a variação linguística possa não ser apenas geográfica.

A presente dissertação de Mestrado pretende estudar os dialetos em língua gestual portuguesa, registando, para o efeito, gestos produzidos e analisados por surdos de diferentes regiões do país. Em particular, pretendem analisar-se as variantes dialetais utilizadas por surdos que tenham frequentado diferentes escolas e espaços de convívio. Serão também investigadas as relações de poder local que envolvem a escolha de determinados gestos pelos usuários da língua.

Palavras-chave: língua gestual portuguesa, dialetos, regionalismos, variações, comunidade surda.

ABSTRACT

The dialects of spoken languages consist of a linguistic variation that could be realized, especially in phonological and lexical changes that result from the geographical differentiation. In portuguese sign language (LGP) appear to be the same phenomena, although the motivation for linguistic variation can not only be geographical.

This Master's thesis aims at studying the dialects of portuguese sign language, noting, for the purpose, and analysed signs produced by deaf people from different places of the country. In particular, it plans to look up the dialect variants used by deaf who have attended different schools and entertainment spots. The thesis will also investigate the local power relations that involve the choice of certain signs by users of the language.

Keywords: portuguese sign language, dialect, regionalism, variations, deaf community.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. PROBLEMA	6
3. FUNDAMENTAÇÃO.....	8
3.1. NATUREZA DAS LÍNGUAS GESTUAIS.....	8
3.2. VARIAÇÕES DIALETAIS EM LÍNGUAS ORAIS.....	10
3.3. VARIAÇÕES DIALETAIS NAS LÍNGUAS GESTUAIS	16
3.4. IDIOMA E DIALETO	18
3.5. FACTOS HISTÓRICOS	18
3.6. LÍNGUA VS. LINGUAGEM.....	21
3.7. A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS SURDOS	23
3.8. O CASO DO ALFABETO E DOS NÚMEROS EM LGP E SUAS DIFERENÇAS DIALETAIS ..	25
3.9. PARECERES DE SURDOS SOBRE OS DIALETOS DA LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA ..	26
4. ESTUDO	40
4.1. HIPÓTESES	41
4.2. OBJETIVOS.....	41
• <i>Objetivo geral</i>	41
• <i>Objetivos específicos</i>	41
4.3. METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS	42
• <i>Objeto de estudo</i>	42
• <i>Informantes surdos</i>	43
4.4. RESULTADOS	48
5. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	55
6. BIBLIOGRAFIA	57
7. ANEXOS	61

1. INTRODUÇÃO

“O Homem nasce com a capacidade inata para a linguagem e a sua aquisição processa-se de forma natural, desde que este esteja inserido num meio linguístico adequado. Este processo de aquisição é semelhante, quer nas línguas verbais, quer nas línguas gestuais, utilizando apenas modalidades de produção e percepção diferentes.”¹

Em todas as línguas gestuais, a informação é convertida visualmente por uma combinação de recursos, tais como as expressões facial e corporal, o movimento, a utilização do espaço e os próprios gestos. Esses gestos são apenas uma parte do complexo sistema de visualização da informação. Muitos gestos estão estandardizados em todo o país mas há variações, tal como nas línguas orais.

Segundo Mesquita e Silva (2007), *“a língua gestual tem variações regionais e, tal como na LP, existem dialectos regionais, mas o essencial da LGP mantém-se em todos eles”*. Vários são os fatores para a origem dessas variações, tais como a área geográfica, a escolaridade ou características individuais.

Alguns aprendizes da língua gestual portuguesa (LGP), na sua maioria adultos ouvintes, ficam confusos com a variedade de gestos para algumas palavras e preferem dar apenas uma forma ao gesto. No entanto, esta atitude denota algum desrespeito pela diversidade lexical da LGP. Sendo a comunicação bidirecional, não basta apenas aprender como se fazem os gestos, é igualmente importante compreender as pessoas surdas e apreciar o valor e a riqueza da sua língua, de que tais variações fazem parte.

Este estudo procura perceber, em primeira mão, como e quais as variações presentes na língua gestual portuguesa, em Portugal continental, dando alguns exemplos dessas mesmas variações. Os gestos também podem mudar, pois há palavras cujo significado varia conforme o contexto. Gestos diferentes podem ser usados para as mesmas palavras, dependendo do seu significado, ou um gesto pode ser modificado com o objectivo de dar detalhes apropriados ao contexto em que está a ser usado.²

¹ Mesquita, I. e Silva, S. (2007). *Guia Prático de Língua Gestual Portuguesa: Ouvir o Silêncio*.

² Smith, C. (1988) *Signs make sense*.

2. PROBLEMA

O tema escolhido, “Dialetos na LGP”, surge devido ao interesse em investigar a área, visto que em Portugal tal estudo ainda não foi feito.

A existência de tais dialetos pode dever-se ao facto de, antigamente, não existirem professores de LGP nas escolas, sendo que, então, cada grupo de surdos teve de criar os seus próprios gestos.

Em Portugal as principais regiões onde se percebem diferenças dialetais são Lisboa, Coimbra, Porto, Viseu e arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Nas antigas escolas de surdos, algumas agora extintas, cada uma tinha o seu próprio código da LGP, na medida em que na sala de aula era proibido gestuar, fazendo com que fossem assim desenvolvidos de modo dissimulado.

Por esse facto e também por não terem contacto com outros surdos, os diferentes códigos linguísticos foram evoluindo separadamente.

Quando fomos a primeira vez a Lisboa, à Associação Portuguesa de Surdos, em 1998, os surdos com que contactei aperceberam-se de imediato das diferenças entre os gestos oriundos de Coimbra, do Porto e de Lisboa. Todavia, alguns desses gestos desapareceram, entretanto, devido à influência, sentida pelos surdos, da LGP originária de Lisboa, guardando apenas de memória as suas variantes locais.

Quando frequentámos o Instituto de Surdos de Bencanta, em Coimbra, pensámos que os gestos seriam iguais em todo o país. Só mais tarde descobrimos que não o eram.

Sáímos do Colégio de Bencanta e ingressámos na Escola Preparatória de Silva Gaio, também em Coimbra. Estando isolada, a LGP não era utilizada. Mais tarde, na Escola Secundária de Avelar Brotero, ainda em Coimbra, com mais alunos surdos, iniciámos, enfim, a nossa comunicação em LGP com gestos próprios daquela zona. Note-se aqui que, na altura, ainda não se recorria a intérpretes de LGP na sala de aula e os professores oralizavam.

Entretanto, no curso de formação de Formadores de LGP da Associação Portuguesa de Surdos, em Lisboa, ficámos muito admirados e, ao mesmo tempo, assustados com as diferenças nos gestos.

Assim que acabámos o curso, recebemos um convite da Associação de Surdos do Porto para dar aulas de LGP a surdos. Na sala de convívio desta Associação, constatámos de imediato que os gestos eram, também estes, diferentes e, nas aulas, os surdos utilizavam

gestos que nos eram desconhecidos. A verdade é que não esperávamos que existissem tantas diferenças.

Apesar desta distinção regional bem marcada, tem-se vindo a notar uma crescente mistura dos variantes dialetais, por causa do estilo de vida contemporâneo (mobilidade no convívio e na atividade profissional, intercâmbio entre culturas diferentes e influência do sistema de ensino). Ainda assim, intérpretes de LGP que trabalhem, por exemplo, no Porto, não conhecem, na maioria dos casos, os gestos de outros territórios nacionais, pois normalmente só realizam trabalhos de interpretação naquela cidade, não convivendo com pessoas surdas fora do trabalho e não abrindo, assim, os seus horizontes ao nível da LGP.

3. FUNDAMENTAÇÃO

3.1. Natureza das línguas gestuais

A língua gestual é visual, por isso, a informação é recebida de forma visual e produzida através de uma combinação de configurações e orientações manuais, movimentos e localizações dos gestos e expressões faciais e corporais. A língua gestual refere-se ao uso de gestos em vez de sons na comunicação e, sendo uma língua gestual, apresenta algumas propriedades exclusivas que lhe são inerentes, tais como o uso de gestos simultâneos e do espaço, resultando daí uma organização e ordem próprias. Assim, as línguas gestuais possuem uma modalidade de produção motora (mãos, face e corpo) e uma modalidade de percepção visual.

Não se sabe ao certo quando se iniciaram as línguas gestuais, mas a sua origem remonta, possivelmente, à mesma época ou a épocas anteriores àquelas em que foram desenvolvidas as línguas orais.³ Uma pista interessante para esta possibilidade de as línguas gestuais se terem desenvolvido primeiro do que as línguas orais é o facto de o bebé humano desenvolver a coordenação motora dos membros antes de se tornar capaz de coordenar o aparelho fonoarticulatório. As línguas gestuais são criações espontâneas do ser humano e aprimoram-se exatamente da mesma forma das línguas orais.

Embora existam aspetos universais, pelos quais se regem todas as línguas gestuais, a comunicação gestual dos surdos não é universal. As línguas gestuais, assim como as orais, pertencem às comunidades onde são usadas, apresentando diferenças consideráveis entre si⁴. Ainda assim, existe uma comunicação gestual internacional, equivalente ao inglês para os ouvintes.

É tido como certo pela maioria⁵ que a língua gestual é igual em todo o mundo, tendo, como base, premissas como: a comunicação gestual ser intuitiva e não exigir aprendizagem, a comunidade surda ser uma minoria no mundo inteiro e a comunicação ser icónica. No

³ Stokoe, W. (2006). “Língua gestual como primeira língua da humanidade”.

⁴ Amaral, M. A. et al. (1994). *Para uma gramática da língua gestual portuguesa*.

⁵ Martins, M. (2008). *Construção da identidade cultural em jovens surdos: Influência da educação bilíngue*.

entanto, estes argumentos assentam em ideias erradas, pois a língua gestual não parte de gestos intuitivos ou de mímica, é antes uma língua natural, com léxico e gramática próprios.

Cada comunidade de surdos desenvolveu a sua língua gestual, ao longo dos tempos, assim como cada comunidade de ouvintes desenvolveu a sua língua oral, sendo esta a razão pela qual cada país tem a sua língua gestual, sendo, ainda, possível encontrar países com mais do que uma língua gestual.

É também comum os ouvintes pressuporem que as línguas gestuais são versões mimetizadas das línguas orais. No entanto, embora haja semelhanças ou aspetos comuns entre as línguas gestuais, devido a um certo contágio linguístico, as línguas gestuais são autónomas, não derivando das orais e possuindo peculiaridades que as distinguem umas das outras e das línguas orais.

Por exemplo, a dactilologia convém ser produzida devagar e com clareza. Entre cada palavra é aconselhável fazer uma ligeira pausa ou “empurrar” a palavra com as mãos, de modo a ser perceptível que a palavra já foi soletrada e se vai passar a outra. Normalmente, a dactilologia só é utilizada para soletrar nomes de pessoas, lugares, marcas, entre outros, e palavras que ainda não existam. É importante, também, fazer os acentos nas palavras, nomeadamente, nos nomes de pessoas.

As línguas gestuais não seguem a ordem, nem a estrutura frásica das línguas orais, assim, o importante não é colocar um gesto atrás do outro, como se faz nas línguas orais, com uma palavra após a outra. O importante na língua gestual é representar a informação, reconstruir o conteúdo visual da informação, pois os surdos lidam com memória visual. As línguas gestuais possuem uma gramática própria, assim como as línguas orais, sendo aquelas totalmente independentes.

A língua gestual é utilizada como forma de comunicação espontânea entre pessoas surdas. Há várias línguas gestuais por todo o mundo e algumas já foram mesmo reconhecidas oficialmente pelos respetivos governos. Nenhuma língua é superior ou inferior a outra, cada língua sofre um desenvolvimento e uma expansão na medida da necessidade dos seus usuários. A língua gestual é tão natural e complexa como qualquer língua oral, dispondo de recursos expressivos suficientes para permitir aos seus usuários expressar-se sobre qualquer assunto, em qualquer situação, domínio do conhecimento e esfera de atividade.

Ao longo dos últimos vinte e cinco anos tem-se desmistificado a noção de que a língua gestual é uma sucessão de gestos aleatórios, desprovidos de significado, como uma forma de

comunicação rudimentar. Estudos linguísticos internacionais⁶ demonstram que qualquer língua gestual tem vocabulário e gramática próprios. Estes mesmos estudos conseguiram provar que tal comunicação é considerada como uma língua de pleno direito. No entanto, nem todos os gestos ou sinais produzidos pelo ser humano podem ser classificados como pertencentes a uma língua, sendo este o caso da gesticulação de pessoas ouvintes durante os seus discursos, que podem, assim, entender-se num nível básico, como códigos miméticos.

Ao utilizarmos a expressão “língua gestual”, estamos a referir-nos à língua materna / natural de uma comunidade de surdos, utilizada não apenas pelos surdos dessa mesma comunidade, mas, também, pelos ouvintes - seus parentes próximos, intérpretes, alguns professores e outros.

Sendo uma língua, e, como tal, um sistema comunicativo específico do homem, possui regras que partilha e determinadas características próprias das línguas gestuais em geral e que parecem ser também comuns à língua gestual portuguesa, tais como a composição em predominância de símbolos arbitrários; a aquisição feita de modo natural num envolvente linguístico próprio; a constante evolução e renovação do seu sistema linguístico; a criatividade e a recursividade e, por último, a partilha por uma comunidade de gestuantes nativos.

3.2. Variações dialetais em línguas orais

Uma língua pode ser dividida em inúmeras variedades dialectais, desde as mais abrangentes (como o português europeu e o falado no Brasil), às subvariedades mais específicas como o “grupo dialetal setentrional-alto minhoto”, estando este integrado num grupo maior, o dos dialetos portugueses setentrionais.

Um dialeto é, genericamente, a forma como uma língua se realiza numa região específica. Cientificamente, este conceito tem o nome de “variação diatópica”, “variedade geolinguística” ou “variedade dialetal”, pois uma língua apresenta variações que ocorrem sistemática e coerentemente de acordo com o contexto histórico, geográfico e sociocultural.⁷

⁶ Miles, D. (1988). *British sign language - A beginner's guide*.

⁷ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dialeto>

Se considerarmos que uma língua é a “oficial”, temos de considerar também que há várias dentro desta. Cada país, cada região, cada grupo sociocultural e até cada cidadão tem o seu “falar”. A esta diversidade de “falares” dá-se o nome de “variação linguística” e é neste vastíssimo universo que se coaduna a variação diastrática, que corresponde ao estrato social, camada social e cultural do indivíduo. Esta é tão importante como todas as variações linguísticas, pois a língua é criativa, dinâmica e necessária para o desenvolvimento humano.

Segundo Saussure⁸, “é o fenómeno de uma língua que sofre variações ao longo do tempo, do espaço geográfico, do espaço ou estrutura social, da situação ou contexto de uso”, daí podemos aferir que uma língua, mediante as necessidades de expressão e de comunicação, está sujeita a reajustar-se no tempo e no espaço, pois todas as línguas variam, ou seja, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma.⁹ Num país, de forma geral, dada a heterogeneidade social e os diferentes graus de contacto intergrupar entre as inúmeras comunidades, a variação linguística que daí decorre é natural e inevitável.

Soares (1991), define as variedades linguísticas como “modalidades da língua, caracterizadas por peculiaridades fonológicas, sintáticas e semânticas, determinadas, de um modo geral, por três fatores: o geográfico, o sociocultural e o nível da fala, responsáveis pela variedade linguística entre comunidades fisicamente distantes, resultando nos dialetos ou nos falares regionais”¹⁰.

Cada época, cada área geográfica, cada comunidade tem os seus traços linguísticos próprios, com léxico, construções frásicas e pronúncias que diferem entre si. A língua portuguesa, como qualquer outra língua viva, tem variações no tempo, no espaço e na sociedade. Não se fala do mesmo modo em todas as regiões e a língua diverge muito conforme os grupos sociais, as faixas etárias e até as situações concretas em que a utilizamos.¹¹

Passemos, então, a explicar o que são dialetos de uma forma geral. O termo “dialeto” é utilizado para designar a variação de uma língua numa zona geográfica relativamente importante. Esses dialetos podem dever-se a fatores diversos, designadamente:

1) À geração a que o falante pertence (por exemplo, as gerações com maior taxa de emigração, ao regressarem aos seus locais de origem, trouxeram fortes influências da língua do país de acolhimento, o que inevitavelmente se expande à língua em geral);

⁸ Saussure, F. (1969). *Curso de linguística geral*.

⁹ Tarallo, F. (1985). *A pesquisa sociolingüística*.

¹⁰ Soares, M. B. (1991). *Linguagem e escola: uma perspectiva social*.

¹¹ www.webartigos.com

2) O local onde reside é também relevante, uma vez que as populações mais isoladas podem ter um registo lexical mais restrito pela pouca ou nenhuma influência de populações exteriores;

3) O tempo histórico no qual se insere também tem uma grande influência, pois, se tivermos em consideração o léxico usado no século passado, são facilmente perceptíveis as mudanças que foram ocorrendo, quer pela evolução inerente a qualquer língua viva, quer pelos avanços tecnológicos, quer por outros fatores a que assim tal obrigaram;

4) A profissão que se exerce pode de certo modo influenciar a forma como se fala. Vejam-se os casos dos médicos, advogados e engenheiros, uma vez que estes profissionais utilizam vocabulário técnico próprio apenas acessível àqueles que partilham a mesma área de interesses.

Estes fatores, entre outros, influenciam, quando não determinam, a forma como se fala, dando assim uma identidade facilmente reconhecível a um indivíduo ou a um determinado grupo de pessoas.

É sabido que a língua que usamos está sujeita a variações regionais, históricas, sociais ou situacionais e estando todas as línguas vivas sujeitas a fatores de mudança, a variação que deles decorre faz parte integrante da linguagem humana e pode ser estudada e descrita. Por sua vez, a variação e a hesitação entre diversas formas, ocorridas num dado momento, produzem, a longo termo, mudança na língua. Contudo, só se pode estudar esta variação se a relacionarmos com algo que consideremos minimamente estável e homogéneo.

Fala-se em variação diacrónica (do grego *dia+kronos*, “tempo”), ou histórica, para designar as diversas manifestações de uma língua através dos tempos. É evidente que as mudanças que ocorrem nunca são repentinas, não se dão em saltos bruscos e há geralmente um período de transição onde encontramos variações sincrónicas entre duas ou mais formas concorrentes, acabando uma delas por prevalecer. A substituição de uma forma por outra é progressiva e nem sempre é sistemática. Cabe à Linguística Histórica estudar este tipo de variação. Existem, naturalmente vários níveis em que a variação pode operar.¹²

Há ainda quem fale de diastratia (do grego *stratos*, “camada, nível”), ou variação social, que se distingue pelo conjunto de códigos do modo de falar entre as pessoas que vivem integradas na sociedade e nos seus diferentes grupos sociais.¹³

¹² Faria, I. *et al.* (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*.

¹³ *Idem*.

Há ainda a hipótese de algumas variações linguísticas adquiridas terem começado com uma diafasia de um nativo da língua gestual. A variação diafásica (do grego *phasis*. “fala, discurso”) implica o conhecimento do usuário da língua de um código socialmente estabelecido para cada situação.¹⁴

Para além da variação dialetal, as línguas também apresentam variantes decorrentes dos diferentes grupos sociais a que pertencem os falantes (grupos etários, socioculturais, socioprofissionais, entre outros). Estas variantes são denominadas socioletos. Assim, hoje, é facto assente que todos os usuários de uma língua usam um determinado socioleto correspondente ao contexto sociocultural em que estão integrados.¹⁵

A Dialetologia é a disciplina que procura descobrir e descrever as características próprias da língua “falada” numa certa região e é também conhecida como “Geografia Linguística”, na medida em que incide na variação dentro do espaço que a convenção dominante aceita tratar-se de uma língua.

É certo que não há língua sem variação e, entre todas as comunidades falantes de qualquer língua, não há usuário desta mesma língua que não tenha consciência de que há “certo” ou “errado” na língua que é a sua pátria, como diz Fernando Pessoa, no *Livro do Desassossego* (2008), “Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa.”

Quem usa uma língua, quem a tem como “sua”, acaba por reconhecer que determinadas características “não fazem parte do bom uso linguístico”. Significa isto também que os usuários de uma língua (ditos “falantes”) reconhecem a existência de uma prática padronizada, uma **norma**. É esse padrão que nos é transmitido pela escola. Posto nestes termos, dá a impressão que a aquisição de um conjunto de regras linguísticas deveria ser então simples, bastando para isso que a aprendizagem fosse bem sucedida. No entanto, nem sempre é fácil estabelecer limites entre o “que está bem” e “o que está mal”, sendo frequentemente difícil decidir se determinada construção frásica é ou não permitida. Isto acontece por várias razões. Em primeiro lugar porque línguas são sempre sistemas vivos, em constante mudança, e por vezes, o que neste contexto antes era aceitável pode ter se tornado desusado, desapropriado, citando Heráclito (filósofo grego do século VI a.c.): “Nada é permanente, exceto a mudança.”

¹⁴ Idem.

¹⁵ Mateus, M. H., & Cardeira, E. (2007). *O essencial sobre língua portuguesa - Norma e variação*.

Palavras e conceitos novos surgem a cada passo, acompanhados por novos objetos e tendências, enquanto outras palavras, termos, ideias ou conceitos deixam de ser usados. Assiste-se assim a uma renovação do léxico. Qualquer língua hoje não pode jamais ser igual à língua de há séculos atrás, quer estejamos a referir-nos à língua portuguesa, quer a qualquer outra língua, pois o Mundo de hoje nada tem que ver com o de séculos anteriores. Se a sociedade muda, a língua muda. Tal como não há língua sem variação, do mesmo modo, não há língua que não sofra mudança. No caso da língua portuguesa, ou, como se pretende demonstrar, no caso da língua gestual portuguesa, a língua que falamos, que escrevemos ou até que gestualizamos, durante o período limitado da nossa vida, varia consoante a nossa idade, a região de onde somos e / ou onde vivemos, o grupo social ou profissional a que pertencemos e, até, as circunstâncias em que comunicamos.

Não escrevemos, falamos ou gestualizamos sempre da mesma forma e estas manifestações vão variar conforme as pessoas a quem nos dirigimos. Quer isto dizer que a língua tem, em cada momento, uma variação. Temos sempre a faculdade de escolher entre as muitas variantes possíveis. Ao escrever, falar ou gestualizar, fazemos naturalmente uma seleção prévia do léxico a usar, procuramos eliminar repetições, por vezes procuramos sinónimos, dependendo da casualidade ou formalidade da situação. O nosso conhecimento do idioma, não tem bases apenas na aprendizagem escolar, mas também na aprendizagem que nos proporcionaram as nossas experiências individuais, um entendimento da sociedade em que nos movemos mostra-nos, a cada passo, qual é a forma mais adequada de nos expressarmos em cada circunstância. Apercebemo-nos, assim, que nem todas as variantes da língua têm o mesmo estatuto.

Uma língua, definida como um sistema de elementos e regras, vai sempre ter aleatoriedade na combinação desses mesmos elementos e regras entre si. De todas estas diferentes combinatórias, resultarão indubitavelmente diferentes estilos pessoais, mas também diferentes dialetos. Cada dialeto é, por si só, um sistema de elementos e regras que admite, tal como a língua, variação. Deste modo, se a língua tem norma e variação, o mesmo vai suceder com o dialeto, que vai possuir também norma e variação e, assim sendo, o que é “normal” no norte de Portugal, pode já não o ser no sul.

Admitindo que cada dialeto possui uma norma em relação a uma língua, podemos defini-la como sendo essa a modalidade linguística escolhida por uma sociedade enquanto modelo de comunicação. Se esta norma representa um modelo, um padrão que genericamente se pode concretizar em duas vertentes: escrita e oral, o mesmo se ambiciona em relação ao

conceito de “norma culta”, sendo este o comportamento linguístico dos membros da comunidade com formação escolar e maior prestígio social. Também o conceito de “norma padrão”, como o conjunto de regras instituídas na língua, com base em valores sociolinguísticos e socioculturais, parece ser uma terceira vertente da norma, o “padrão real”, sendo este a média estatística, composta pelas estruturas mais frequentes numa língua.¹⁶

A norma linguística não é o uso da língua estatisticamente dominante, ou seja, não é pelo facto de um grande número de falantes (ou usuários de uma determinada língua, seja ela oral ou gestual) a usarem que uma variante se torna norma.¹⁷

Quer no que diz respeito às línguas gestuais quer às línguas orais, a variação geográfica é sempre outra das vertentes da diversidade linguística. De um modo geral, a dialetologia, a que também se dá o nome de geografia linguística, ocupa-se da variação dentro do espaço que a convenção dominante aceita como pertencente a uma língua. É hoje comumente aceite, no domínio dos estudos linguísticos, que dialeto e norma não são conceitos opostos e que, pelo contrário, a norma é um dos dialetos da língua. Com este trabalho, e, sendo o objeto de estudo da dialetologia os dialetos pertencentes a uma determinada língua, iremos abordar de onde vem a generalidade dos gestos realizados em Portugal. Parte-se da premissa que, na língua portuguesa falada, a generalidade das descrições do português realizadas em Portugal incide sobre o dialeto de Lisboa, sendo este considerado como norma-padrão do português europeu, na medida em que é aquele que mais subjaz na comunicação social. É importante ressaltar aqui que este não se trata, de modo nenhum, de um dialeto superior do ponto de vista linguístico.¹⁸

No português europeu, a chamada variedade padrão é constituída pelo conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região de Lisboa e Coimbra, sendo as restantes variedades mais ou menos valorizadas, conforme se aproximem mais ou menos desta norma-padrão. São de salientar duas das razões que Peres e Móia (1995)¹⁹ propõe para fundamentar esta eleição: a escolha do dialeto da zona de Lisboa e Coimbra pode dever-se ao facto de, por motivos geográficos, esta se ter tornado o dialeto mais facilmente inteligível pelo conjunto de portugueses. A opção pelo socioleto das pessoas mais cultas poderá relacionar-se com a possibilidade que tal escolha oferece de se manter o acesso ao património cultural escrito (que

¹⁶ Mateus, M. H., & Cardeira, E. (2007). *O essencial sobre língua portuguesa - Norma e variação*.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Mateus, M. H., Brito, A. M., Duarte, I. S., & Faria, I. H. (1983). *Gramática da língua portuguesa*.

¹⁹ Peres, J. A. & Móia, T. (1995). *Áreas críticas da língua portuguesa*.

foi produzido na variedade utilizada pelas pessoas com maior nível de escolarização). Recorrendo também às ideias sistematizadas por aqueles autores, pode aferir-se que uma dada realização linguística constitui um erro sempre que não esteja plenamente integrada na variedade que se deveria utilizar numa dada situação (quer por ser uma ruptura relativamente a esse subsistema de língua, quer por não ser plenamente aceite pela comunidade de falantes dessa variedade).

Utilizar o famoso “bué” numa situação formal constituiria um erro linguístico, já que não faz parte da variedade que se deve usar neste contexto, o mesmo se pode aplicar, na língua gestual, ao gesto conhecido como “PIF-POF” (variante informal para “fazer ouvidos moucos”). No entanto, há que recordar que, quando uma realização linguística em ruptura com o subsistema começa a ser integrada pela comunidade de falantes, ou gestuantes neste caso, essa realização pode dar origem a uma reestruturação da variedade. A verdade é que uma das propriedades das línguas naturais (e consequentemente das suas variedades) é o facto de serem dinâmicas.²⁰

Para que se compreendam melhor fenómenos sincrónicos dos idiomas, como a variação dialetal e aspetos sociolinguísticos, nomeadamente características de alguns falares regionais, motivados por fatores históricos e diversas formas de tratamento cujo significado contextual se pode entender melhor à luz da evolução cultural e linguística, é necessário que se aborde a História da Língua. Diversos traços lexicais, fonológicos e até ortográficos da nossa língua devem-se a ocorrências históricas, como por exemplo, épocas em que o nosso idioma se delineava na escrita recorrendo a empréstimos de outras línguas, necessários para a construção do português. Muitas das mudanças que hoje se vêem só se entendem claramente se se tiver em conta o nosso passado linguístico.²¹

3.3. Variações dialetais nas línguas gestuais

Tal como nas línguas orais, também existem variações linguísticas dentro da própria língua gestual, que se podem considerar regionalismos ou dialetos. Estas variações devem-se

²⁰ Cunha, C. & Cintra, L. (1984). *Nova gramática do português contemporâneo*.

²¹ *Surdos Notícias*, Março de 2011.

a culturas diferenciadas localmente e influências diversas, a nível geográfico, mas, sobretudo, no caso dos surdos, a nível das escolas frequentadas.

Existe, efetivamente, em Portugal uma comunidade de surdos que tem como língua materna a língua gestual portuguesa. Cada língua gestual desenvolve-se a partir de uma comunidade de origem que tem instituições que a sustentam e desenvolvem, como a família, a escola e as associações e cujo âmbito corresponde geralmente à noção de país. Em Portugal continental, existem várias subdivisões dialetais, sendo as mais flagrantes as de Lisboa (sul), Porto (norte) e Coimbra (centro).

Existem, como para o português, variantes regionais de Lisboa, do Porto e outras, variantes sociolinguísticas, dependendo do grau de alfabetização e das profissões dos surdos dessa comunidade. Dá-se aqui o exemplo da existência dessas variantes na língua gestual portuguesa, quando um intérprete de LGP de Lisboa traduz noticiários na televisão, os surdos do norte do país levantam imensas questões acerca da variante linguística utilizada.²²

Geralmente, cada população linguística tem, entre si, pessoas surdas que geram entre si uma variante local da língua gestual do país. Do mesmo modo que as denominadas forças geográficas ou culturais “obrigam” populações a levar de geração em geração os seus dialetos falados, as mesmas forças podem atuar nas línguas gestuais, obrigando a que comunidades surdas dessas áreas tendam a manter a sua identidade através dos tempos. Isto ocorre apesar de as línguas gestuais não terem quaisquer relações com as línguas orais dessas regiões ou países. Por outro lado, podemos considerar que as denominadas “variações” dentro de uma língua gestual “nacional” podem, normalmente, ser correlacionadas com a localização geográfica das escolas para surdos, numa perspectiva sociolinguística.²³

A língua gestual é uma língua própria de uma cultura e está organizada como tal, com uma produção manual e corporal e receção visual. Para clarificar, neste contexto, o significado de “regionalismo” da língua gestual, pode referir-se a um gesto regional que concorra com outro já existente, ainda que executado de forma diferente, isto é, quando um ou vários processos fonológicos da língua gestual, como a configuração, a localização, o movimento, ou a expressão facial se alteram.

²² Amaral, M. A. et al. (1994). *Para uma Gramática da Língua Gestual*.

²³ *Surdos Notícias*, Junho de 2010.

3.4. Idioma e dialeto

O idioma é a própria língua oficial, como é o caso da língua portuguesa. Existe uma língua oficial ou padrão e, também, as suas variantes dialetais. Os dialetos são formas de expressão oral ou gestual características de um grupo de pessoas, geralmente de acordo com a sua localização regional. O dialeto é, assim, uma variação regional de uma língua oficial. É o caso da fala do Porto e da de Lisboa.

Todas as línguas orais e gestuais têm variações linguísticas. No entanto, os gestos mais antigos (no caso da LGP) estão a desaparecer, pois com o passar do tempo, a própria língua evolui. Antigamente, os surdos aprendiam língua gestual com os surdos mais velhos, uma minoria na comunidade surda. Nalguns casos, podiam ainda adquiri-la em família, quando de surdos, na escola e nas associações.

Ainda que existam vários dialetos muito regionalizados na LGP, como é o caso do de Viseu, do Algarve, do Porto, de Lisboa, entre outros, quando vamos para outra região, por exemplo, Guimarães, é fácil compreender e comunicar devido à expressão facial e ao contacto visual.

A comunidade surda nunca se preocupa com as horas e pode passar o dia inteiro a falar de situações do dia-a-dia, sem sequer olhar para o relógio, estando reunidas as condições para uma fácil visualização de todos os intervenientes da conversa. Estas conversas vão adquirir diferentes ritmos, vão ser vítimas de interrupções, vão ser acompanhadas de comentários, mais ou menos calmos, mais ou menos efusivos e energéticos, com um maior ou menor movimento dependendo esta exaltação do teor dos conteúdos sobre os quais se debruçam. Se nestas “conversas dispostas circularmente” estiverem presentes surdos de diferentes regiões, vai haver a curiosidade de perguntar que gesto é aquele, dando azo, assim, a uma interação saudável e a um enriquecimento constante parte a parte. Neste contexto, a comunicação “esquece-se” da gramática e flui, livre e espontaneamente e aqui o que realmente importa é contar histórias, comunicar, entender e ser entendido.

3.5. Factos históricos

Alguns intervenientes nas entrevistas afirmaram usar anteriormente outros gestos para representar uma palavra. Gestos, estes, que eles próprios acabariam por deixar cair no desuso,

tendo-os substituído por novos gestos, aprendidos mais recentemente, remetendo os gestos antigos para o esquecimento, deixando-os perdidos no tempo. Este desaparecimento de gestos tem vindo a ser cada vez mais frequente e, cada vez mais gestos importantes, antigos, com histórias e significados marcantes, repetem-se apenas em recordações. Os gestos que, ao longo da vida, fomos aprendendo, ficaram, para sempre, apenas presentes na nossa memória.

Foi, de facto, em Lisboa, no Porto, nos Açores e em Coimbra que surgiram os primeiros Colégios e Institutos para surdos. Aqui, destaca-se o Instituto de Bencanta, em Coimbra, e uma situação gravemente peculiar que aconteceu nesse instituto. Apesar de a LGP ser proibida, era natural surgirem, entre os alunos surdos, gestos para uma comunicação em sala de aula. Numa dessas vezes, essa comunicação foi intercetada pela professora que logo amarrou, com cordas, os pulsos dos alunos, para que ficassem, efetivamente, presos, inviabilizados dos seus instrumentos de comunicação, apenas e só por desconfiança. Deste horrendo episódio, resultou a criação de alguns gestos, com os pulsos amarrados e com uma comunicação ilícita, às escondidas da professora. Esta comunicação era um misto de códigos confinados ao escasso movimento que as cordas lhes conferiam, acompanhados de alguns movimentos de olhos, tendo assim aparecido as primeiras variações dialetais próprias da LGP e que estão agora em processo de desaparecimento. Nos dias de hoje, a comunidade de surdos está a dispersar-se porque existem os telemóveis que permitem um contacto mais fácil à distância, outrora praticamente impossível, facilitando, deste modo, o seu encontro em diferentes sítios, como em cafés, em casas particulares. É possível que, assim, a LGP se vá perdendo por se inventarem gestos nestes grupos mais reduzidos.

É incontornável que os gestos têm vindo a definhar, a desaparecer e nos deparemos agora com gestos modificados em relação aos que conhecíamos, mais antigos. Assiste-se ao desaparecimento de gestos antigos de surdos mais velhos que, como é o exemplo do gesto “verde”, se vê agora a assumir diferentes formas gestuais. Contudo, os surdos mais velhos utilizam, ainda, gestos próprios, o que advém de uma fraca comunicação, ou da inexistência desta, entre aqueles e os jovens. Por vezes, este contacto é impraticável, pois diferentes gerações de pessoas surdas parecem ter dificuldade em compreender-se mutuamente. Têm a mesma língua, mas possuem diferentes expressões, diferentes gestos. Alguns surdos, de mais idade, querendo explicar, ensinar, revelam os seus gestos aos jovens, mas estes, por vezes, não os compreendem. Assim, por falta de comunicação, a comunidade de surdos não transmite a sua língua às gerações mais novas.

Antigamente, não existia este contacto entre surdos dos diferentes Colégios e Institutos. Como consequência, não havia intercâmbio da LGP. Fechados dentro das suas próprias escolas, os alunos surdos viam-se forçados a criar gestos próprios, que lhes fossem sendo necessários, convenientes, ou, até mesmo, fulcrais. Esta situação durou bastante tempo, uma vez que, apenas quando os alunos surdos terminavam a antiga (e já inexistente) 4ª classe, saíam da escola e era-lhes possível frequentar uma associação, onde conviviam entre surdos.²⁴ Aqui, tinham a oportunidade de ver gestos completamente diferentes, e era aí que os partilhavam, trocavam informação relativa aos mesmos, explicavam-nos e esclareciam os seus significados. Quando os alunos completavam a sua instrução, nas Instituições, regressavam ao seu local de origem e só aí divulgavam os gestos adquiridos e/ou criados em cada escola. É importante referir, também, que muitos desses códigos evoluíram para diferentes variações linguísticas. Gestos dialetais antigos que, agora, estão, oficialmente, a desaparecer.

Junto de formadores de LGP, obtivemos a informação de que alguns gestos, correntemente usados pela comunidade surda, não são nacionais, sendo que, muitos deles, são originários de outro país, por empréstimo. A maioria dos formadores fez a sua formação com colegas de outras regiões do país, tomando contacto, assim, com diferentes variantes dialetais da LGP.

Em convívio com formadores de LGP, no Porto, não pudemos deixar de reparar que eles incluíam variantes dialetais próprias desta cidade, fortalecendo, assim, o dialeto. No decurso de encontros e atividades de Associações de Surdos, alguns surdos acabam por misturar gestos, por influenciar e ser influenciados, sem que este facto interfira diretamente na comunicação, havendo alguns gestos dialetais que, na altura, podem não (re-)conhecer, mas que, a longo prazo, vão assimilar.

A língua gestual parece estar a ganhar força e o seu uso é benéfico, se devidamente divulgada entre a família, os amigos e todos os que rodearem os surdos. No entanto, isto pode não acontecer quando surdos, em pequenos grupos, criam, entre si, códigos próprios de comunicação.

Numa visita à Casa dos Surdos de Matosinhos, no dia 24 de Setembro de 2011, deparámo-nos com crianças, jovens, adultos e idosos surdos. Aqui, pudemos observar toda a comunicação envolvente, fluindo de forma fácil, com fortes expressões faciais, plena de movimentos corporais, mas com diferenças assinaláveis entre gestos, que se notavam consoante as faixas etárias. Este facto deve-se aos códigos criados entre gerações, dando lugar

²⁴ Morgado, M. (2008). *Transmissão de valores a jovens surdos: modelos e condições de acesso*.

a gestos que só os grupos dos mais velhos conheciam, refletindo-se numa comunicação mais lenta, em nada similar à observada entre os jovens, que, por sua vez, era mais frenética. Foram constatações divertidas, de certo modo. No meio de toda a azáfama de gestos, havia, também, gestos misturados, diferentes, oriundos das cidades do Porto e de Guimarães.

Os surdos mais idosos, em grupo, comunicavam devagar, alguns com historial de solidão ou com poucos hábitos comunicacionais, falando sobre colegas antigos ou discorrendo sobre futebol. Entre os jovens, no meio de gestos rápidos, eram abordados temas variados, tais como a família, o trabalho... As pessoas surdas, por vezes, não percecionam a língua portuguesa escrita da mesma forma que os ouvintes. Por vezes, porque não a percebem bem, tendem a usar gestos para procurar uma correspondência à escrita, cujo significado, na realidade não é o mesmo. São compreensíveis, como se sabe pelos problemas na sua educação, as dificuldades relacionadas com o funcionamento da língua portuguesa.

Durante esta visita à Casa do Surdo de Matosinhos, no meio de entrevistas e registos em vídeo, ocorreu uma situação que se destaca por estar relacionada com este tema: já no final de uma entrevista a um grupo de repórteres da Surdo Tv, o padrinho desta “casa”, ouvinte, quis despedir-se gentilmente, usando a LGP, gestuando um “obrigado” para o entrevistador. Usou, para o efeito, um gesto que se desdobra em dois: o gesto “MUITO”, seguido de duas configurações distintas “O” e “B”, agiu, assim, amavelmente, em simultâneo com o “OBRIGADO” saído das mãos do entrevistador, este já com uma configuração em “D” que lhe saía do queixo. Estes gestos distintos causaram no entrevistado estranheza, espanto e uma admiração que se traduziu na pergunta que fez logo de seguida, interrogando o, até então, entrevistador se essas diferenças verificadas entre os gestos para “obrigado” provinham de cidades diferentes. Logo de seguida, perguntou se as diferenças de sotaque registadas nas várias regiões de Portugal eram similares ou até mesmo comparáveis em termos da língua gestual portuguesa. A pergunta foi oportuna, interessada e interessante, e a resposta esclarecedora.

3.6. Língua vs. linguagem

A língua gestual utiliza gestos em vez dos habituais sons da comunicação oral. No entanto, dependendo de com quem se fala e se a pessoa em questão sabe gestualizar, pode recorrer-se a sons para acompanhar os gestos.

Muitas pessoas pensam que a língua gestual é igual em todo o mundo, denominando-a de “linguagem gestual”. Isto está errado. As línguas são diferentes, dependendo de cada país, tal como as línguas orais. Cada país tem a sua própria língua, combinada com o seu modo de viver, o seu principal traço cultural.

Há falta de informação sobre a LGP. Daí haver equívocos relativos a esta língua tão bela. As pessoas ouvintes pensam que a língua gestual é igual a mímica, daí insistirem em chamá-la de linguagem. Apesar de não haver uma só língua gestual em todo o mundo, existe uma comunicação internacional comum relativamente codificada.

A LGP foi reconhecida no nosso país apenas em 1997, pela falta de informação que existe sobre ela. É por isso que deve ser incutida nas escolas, nas universidades, nas empresas, de modo a que se deixe de tratar esta língua como uma “linguagem gestual” e as pessoas surdas como “surdas-mudas”. Este é outro erro que advém da influência das pessoas mais velhas.

Em Portugal, existem três línguas reconhecidas: a língua portuguesa, o mirandês e a língua gestual portuguesa, sem falar nos vários dialetos que cada uma destas línguas comporta em si.

Assim, pode dizer-se que, os surdos são, efetivamente, diferentes dos ouvintes porque utilizam uma língua diferente para comunicar. A língua gestual portuguesa tem, para os surdos, o mesmo valor que a língua portuguesa tem para os ouvintes. No entanto, para os surdos é mais fácil comunicar com alguém que não fale a mesma língua gestual, do que é para os ouvintes falarem uma língua oral diferente da deles. Isto deve-se ao uso de todo o corpo (no caso das línguas gestuais) para transmitir uma ideia, pois a expressão facial, corporal e o contato visual são essenciais no ato comunicativo.

Ao falarmos em língua gestual estamos referir-nos à língua materna/natural de uma comunidade de surdos, isto é, uma língua de produção motora e de receção visual, com vocabulário e gramática próprios, não dependente da língua oral, usada pela comunidade surda e alguns ouvintes, como parentes de surdos, intérpretes, professores e outros.

3.7. A influência da língua portuguesa nos surdos

Stokoe²⁵ defende a variação formal do inglês gestual e da ASL, demonstrando que estas duas variantes têm características sociolinguísticas típicas de situações de diglossia.

Na escola, existe o grande problema da escrita, uma vez que os surdos não escrevem “corretamente”, como os nativos da língua oral, e os professores acabam, muitas vezes, por não perceber a maneira peculiar de escrever dos surdos, cheia de “comunicação”, de “vontade de contar histórias”, mas sem grande estrutura gramatical que a suporte.

Dando um exemplo genérico, num teste em que as respostas são dadas em português escrito: como a professora não percebe a escrita dos alunos surdos e o porquê das faltas de concordância, os alunos vão responder, escrevendo de acordo com a sintaxe da LGP, a língua em que pensam. As suas respostas, devido a este facto, vão ser anuladas e riscadas a caneta vermelha. É preciso passar a informação clara para os professores de que os surdos possuem uma escrita com especificidades próprias ou sugerir que alguém os ajude e os apoie na correção dos trabalhos destes alunos.

De seguida apresentaremos um exemplo de um texto escrito por uma pessoa surda profunda, de 28 anos de idade que frequenta o segundo ano da Licenciatura de Língua Gestual Portuguesa da Escola Superior de Educação de Coimbra, recolhido de forma direta e colocado aqui para uma reflexão empírica sobre esta temática.

Quando, nasci a surda profunda, mas os meus pais não sentiu a conhecer de cultura da surda e que estavam ficar os aborrecidos mas eles deixavam-me que estava na escola de Viseu e depois eles começavam a conhecer com os surdos estavam a escola hão os gentes surdos e depois comecei aprender os gestos como mímica mas mudei na escola de E.B.2º 3º ciclos de Cinfães, não hão os gentes surdos, parece estava única como a surda e que os professores pensavam coitados para mim, eles ajudavam-me explicar dos apontamento e também dão-me para os testes e depois fiquei muito boas notas mas não gostei por isso. Depois eu lutei esforço em frente com os meus pais, dado que queria mudar na escola do Porto porque hão os professores, os intreprétes e os alunos surdos, tentei lutar dos meus pais e que eles e eu estavam a desentir aqueles problemas na casa e depois os pais pensavam bem,

²⁵ Stokoe, W. (1970). *Sign language diglossia*.

estou o direito da vida como igualdade estão os ouvidos da sociedade mas queria aprender de desenvolvimento nas aula como é igual do ouvido mas não tem coitado com os surdos.

Comecei a prazer na escola no Porto mas hão os intreprétes as aulas com os surdos mas estamos aprender de importantes no futuro mas estamos comunicações com os professores, intreprétes e os alunos surdos e ouvidos, depois estava aprender de desenvolvimento da vida de aprendizagem, mas as pessoas estão a conversar de comunicação com na línguas gestuais estão os regiões diferentes mas eu estudo ao universidade mas as pessoas surdos estão os gestuais diferentes e que aprendo muito qualquer coisa.

Tinha muito sofrido de aprender na escola mas tinha lutar o direito da vida como é igual do ouvido.

De seguida apresentaremos nova recolha direta, um exemplo de um texto escrito por uma pessoa surda profunda, de 23 anos de idade que frequenta o segundo ano da Licenciatura de Comunicação e Design e Multimédia da Escola Superior de Educação de Coimbra, para demonstrar o mesmo aspeto.

O Verão

Eu fui para o Porto Santo e depois andei chegar no barco. O barco continuou andar e depois o barco já chegou no Porto Santo. O meu pai buscou-me o carro, mas o meu tio convidou-me almoçar. Depois eu passei andar convesser no café com as minhas famílias e depois eu vesti a calça de praia pronta. Vamos à praia com as minhas famílias divertamos.

De seguida apresentaremos novo exemplo de mais um texto escrito por uma pessoa surda, de 20 anos de idade que frequenta o segundo ano da Licenciatura de Língua Gestual Portuguesa (LGP) da Escola Superior de Educação de Coimbra, também recolhido empiricamente com o mesmo propósito demonstrativo.

No sábado passado eu acordei às 5 e 30, tomei o pequeno-almoço e depois tomei banho e vesti-me para me preparar para ir ao Porto.

Saí de casa para ir apanhar e comboio às 6 e 30 na estação da Figueira até chegar a Coimbra para encontrar os meus amigos surdos e eles acompanharam-me no carro até lá ao Porto por causa de uma conferencia de (LGP)

3.8. O caso do alfabeto e dos números em LGP e suas diferenças dialetais

A dactilologia (“daktilos” – dedos; “logos” – falar) é utilizada, normalmente para transmitir informação com os dedos da mão. O alfabeto dactilológico necessita de uma só mão (a dominante) para ser efectuado, no entanto, podem acontecer exceções, como é o caso dos acentos e do “ç”.

É aconselhável soletrar devagar, no entanto, se o orador falar depressa é normal o intérprete soletrar rápido. Assim como, se o recetor tiver grande capacidade de leitura dactilológica, ou estiver dentro do assunto, basta soletrar algumas letras da palavra (como é o caso de João – “J” + “O”) ao mesmo tempo que se oraliza.

O alfabeto dactilológico em Portugal diferencia-se completamente dos alfabetos dos outros países pelas letras “A” e “R”. No resto da Europa, os alfabetos gestuais são parecidos. Ainda assim, existem algumas diferenças (ainda que poucas) nas letras soletradas dentro da mesma língua – a LGP. Nomeadamente, na letra F – na zona do Porto, a letra F faz-se com uma configuração diferente da do resto do território português.

Exemplo dos dois gestos de “F”:



Imagem 1 – “F” (Porto)



Imagem 2 – “F” (geral)

O mesmo acontece com o número 7. O Porto é a única zona do país que utiliza uma configuração diferente.

Exemplo dos dois gestos de “7”:



Imagem 3 – “7” (Porto)



Imagem 4 – “7” (geral)

3.9. Pareceres de surdos sobre os dialetos da língua gestual portuguesa

Na necessidade de avaliar os objetivos anteriormente referidos, procedeu-se a entrevistas a pessoas surdas e recorreu-se ao documentário do reconhecimento da LGP, editado pela Surd'Universo.

João Alberto Ferreira nasceu surdo, em Lisboa, no ano de 1955. Desde 1981, é formador de língua gestual portuguesa, em Lisboa, tendo feito a sua formação inicial no ensino e investigação das línguas gestuais, na Universidade de Gallaudet, nos Estados Unidos da América.

Atualmente, João Alberto é um dos surdos mais populares em Portugal, tendo ocupado o cargo de presidente da Associação Portuguesa de Surdos durante onze anos. É um líder nato que procura amenizar conflitos, defendendo sempre as causas dos surdos e estabelecendo as pontes necessárias entre surdos e ouvintes.

Divulgou sempre a LGP em Portugal continental e nas regiões autónomas, Açores e Madeira, fazendo sensibilizações e dando formações. Tem conhecimentos profundos da língua gestual portuguesa, da sua estrutura gramatical, evolução e variações regionais. O seu conhecimento alarga-se ainda à comunidade surda portuguesa e à identidade e cultura dos surdos. Por esse motivo, inclui-se aqui uma entrevista sua que se transcreve abaixo.

Carla Machado nasceu ouvinte em Guimarães, no ano de 1971, e, com apenas dois anos de idade, ficou surda devido a uma doença. É formadora de língua gestual portuguesa, no Porto, desde 1995, tendo feito a sua formação na Associação de Surdos do Porto.

Atualmente, Carla Machado é uma das surdas mais populares em Portugal pois ocupa um cargo na Surdo Tv, há cerca de dois anos, onde entrevista pessoas surdas. De momento está a frequentar o 2º ano da Licenciatura em língua gestual portuguesa na Escola Superior de Educação de Coimbra.

Estes dois entrevistados foram incluídos para demonstrar como dois surdos de diferentes regiões e, sobretudo, de diferentes gerações, encaram a questão da variação dialetal da LGP.

Lurdes Gonçalves (LG) – (1) *Acha que a língua gestual portuguesa com que nos deparamos hoje é a mesma de há alguns anos atrás? Porquê?*

José Alberto Ferreira (JA) – Acho. A meu ver, houve, sim, uma grande mudança em relação à língua gestual usada pelos surdos de antigamente, comparável à mudança, à evolução ocorrida com a língua portuguesa escrita. A língua desenvolveu-se, com o aparecimento de novas tecnologias, tal como aconteceu efetivamente com outras línguas, de outros países.

Carla Machado (CM) – Na minha opinião, antigamente era muito diferente de agora, pois havia pouca informação. Além disso, não havia intérpretes de LGP, utilizavam-se menos conceitos. Depois do reconhecimento da LGP em 1997, começaram a desenvolver-se mais gestos e começou a haver mais interesse.

LG – (2) *Na sua opinião, considera que na língua gestual portuguesa são utilizados gestos maioritariamente portugueses? Ou vão buscar-se gestos estrangeiros?*

JA – Eu acho que a LGP é uma língua que tem tudo, todas as características necessárias para haver comunicação. Há palavras que pode não contemplar e aí vai depender da inclusão ou não dessa palavra na LGP, mas, mesmo não existindo a palavra em questão, recorre-se às características da língua, que nos permitem chegar ao seu significado, e clarifica-se o conceito a transmitir, de um modo simples. Por vezes, certas palavras, escritas, são desconhecidas para os surdos, que efetivamente não reconhecem o seu significado, e isso pode ser interpretado pelos ouvintes como uma limitação na LGP, como lacunas, gestos que fazem falta aos surdos. Eu acho que não há faltas a suprir na LGP, acho que esta língua é expressiva e flui espontaneamente.

CM – São diferentes. Eu noto que a comunidade de surdos do Porto vai buscar alguns gestos a Espanha e depois misturamos tudo.

LG – (3) *Porque é que um gesto no Norte pode ser diferente em Lisboa ou em Coimbra?*

JA – Então, a verdade é que as escolas do norte, do centro e do sul utilizam gestos diferentes, tal como possuem uma outra cultura e pertencem a outra região. Algumas regiões sofrem influências externas por se situarem perto da fronteira. Alguns surdos ficam em casa, ou vivem sozinhos, ou podem ainda recorrer à mímica com a família. Dentro da escola, os surdos nunca são diferentes, pois há comunicação e percebem os vários conceitos na mesma. Se participarem todos juntos como iguais, misturando os gestos específicos de cada um,

podem desenvolver uma variante da língua, tal como os ouvintes das regiões dos Açores ou da Madeira falam a língua portuguesa com características fonéticas, entre outras, diferentes. Também em Portugal continental existem modos diferentes de falar, de escrever algumas palavras. Isto é normal e advém da separação geográfica entre as pessoas. Assim, a língua desenvolve-se entre grupos de pessoas que se encontram para conversar e por isso procuram perceber-se bem uns aos outros.

CM – *Porque no Norte, no Centro e no Sul as pessoas frequentaram diferentes escolas onde aprenderam os gestos. Eu nasci em Guimarães e frequentei um colégio no Porto onde antigamente faltavam muitos gestos, era uma LGP com pouca “força”. Contudo, no Porto existiam colégios onde a LGP era forte e em Lisboa também acontecia isso.*

LG – ***(4) Os surdos de mais idade têm uma língua gestual pouco estruturada gramaticalmente? Têm gestos próprios ou vão buscá-los a outra língua?***

JA – *Antigamente, na escola, só havia grupos da 1ª à 4ª classe, não havendo comparação com o avanço dos jovens de agora na língua portuguesa e no acesso à informação. Por isso, atualmente há mais palavras, gestos novos que surgem com as novas tecnologias. Por outro lado, respeito o esforço dos mais antigos, pois não havia intérpretes, tinham de comunicar só pela oralidade, a integração era difícil. Agora a integração acontece mais facilmente, há intérpretes, os surdos manifestam-se pelos seus direitos. Antigamente, calavam-se, submetiam-se. Agora, os jovens reclamam os seus direitos, têm voz. Dou-lhes os meus parabéns.*

CM – *Eu reparo que os surdos idosos têm gestos que não conheço, alguns são muito antigos. São diferentes dos de agora. Antigamente, as pessoas surdas eram orientadas para a oralidade muito mais do que agora. Os gestos eram muito diferentes dos gestos que existem atualmente.*

LG – ***(5) Os surdos mais antigos e os de agora têm os mesmos dialetos? Porquê?***

JA – *Antigamente, os dialetos dos surdos fixavam-se mais, pois os diferentes grupos de norte a sul não interagiam e a LGP particularizava-se mais de região para região. Agora, os jovens interagem a nível nacional e internacional. Participam em conferências, workshops, formações. É esta participação em ambientes diversificados que torna o universo das relações mais rico e a língua torna-se mais comum para todos os envolvidos. Antigamente, os*

surdos não tinham culpa, mas sofriam mais discriminação, tinham mais problemas, a vida era mais difícil. Há que respeitar isso.

CM – *Os gestos de antigamente e os gestos de agora são muito diferentes por causa das diferentes gerações. Por exemplo: um avô surdo possui gestos diferentes dos seus netos surdos, isto acontece comigo, porque antigamente as pessoas conviviam pouco e passavam a maior parte do tempo em casa então não tinham acesso a muita informação. Atualmente nós convivemos mais, vemos televisão e adquirimos muita informação através dela. Também a escola tem uma grande influência sobre as pessoas porque aprendemos muito mais. É difícil as pessoas surdas mais velhas mudarem, porque aprenderam assim e essa é a cultura deles. Nós os mais jovens estamos mais avançados do que antigamente.*

LG – **(6) Qual a sua opinião sobre o desenvolvimento dos dialetos no futuro? Será que os gestos passarão a ser feitos todos da mesma forma?**

JA – *Normalmente, de ano para ano, os gestos mudam, surgem novos. As vezes, é um bocado triste, eu fico um bocado triste e magoado, porque isso mostra que não há colaboração. Parece que os gestos são privado, que cada qual quer criar o seu próprio gesto, que é melhor e tem orgulho nisso. Assim, não dá. Na investigação, o mais comum é os grupos de ouvintes não chamarem os surdos a participar. Os grupos de surdos também não têm ouvintes a colaborar. Às vezes, os ouvintes aceitam a integração de surdos, mas o contrário é mais difícil. A verdade é que em Portugal não há ambiente de colaboração. Aprovam-se livros e outros materiais, mas isto dá confusão, porque não há informação sobre qual o melhor. Então os surdos, e principalmente as crianças, não sabem. Na escola, só os professores têm autoridade e influência sobre os alunos surdos. Estes tornam-se adultos e entram em conflito uns com os outros porque defende apenas o que aprenderam na sua própria escola. Isto cria confusão na comunidade surda.*

CM – *No futuro os dialetos não se vão manter iguais, eu acho que não. E porquê? Porque é bom mudar um bocadinho. Por exemplo, no Norte fazem o gesto “SOBRINHO” com a configuração “I” com a palma da mão para frente e com movimento circular de fora para dentro ao lado do ombro; em Lisboa fazem a configuração “B” de trás do pescoço até à frente da testa. São gestos muito diferentes para a mesma palavra e depois ainda pode haver confusão com o gesto “CUNHADO”. E se o surdo não tiver expressão? Então aí ficamos com grandes dúvidas em relação a qual dos gestos se refere. Eu não acho isto bem. É importante mudarmos isto. É a minha opinião.*

LG – (7) *Hoje em dia a comunicação bimodal (gestos e oralidade em simultâneo) está a aumentar? Como?*

JA – *A comunicação bimodal aumentou, é verdade. Antigamente, os surdos ficavam fechados nas escolas com internato e desenvolviam uma identidade forte e uma boa LGP, mas agora, com a integração dos surdos, não existe uma identidade surda. Isto já começou a diminuir, perde-se a cultura, a identidade forte. Os jovens duvidam se têm uma identidade positiva ou negativa, se precisam de comunicar oralmente ou por gestos. Hoje em dia, a oralidade é respeitada, não é motivo de objeção, ninguém se opõe contra a escrita. Todos têm o direito de escolher por si próprios, de acordo com aquilo que preferem, se é a oralidade, então está tudo bem. O que é importante é que não se perca a LGP, que é uma língua rica e pode ajudar a desenvolver a escrita, independentemente de se ter ou não a oralidade. A terapia de fala ajuda a usar a voz para comunicar oralmente, mas o surdo pode preferir a língua gestual, ou desenvolver mais a escrita. Hoje em dia, a oralidade é importante na sociedade e, por isso, é um problema quando o surdo a recusa. Eu respeito essa opção, mas o surdo deve ter uma identidade forte e “voz” suficiente para dizer que a língua gestual é sua e que tem orgulho nela. A realidade é que temos de respeitar a importância da oralidade, porque os pais não sabem LGP. Por isso, é na comunidade que os surdos se sentem bem e fortes e utilizam livremente a sua língua gestual. Por isso, a sociedade também deve respeitar a comunidade de surdos e não nos impingir a oralidade.*

CM – *Acho que atualmente a comunicação está a aumentar cada vez mais. Antigamente não era assim, os gestos eram muito fortes e a expressão facial também era muito forte. Agora surgem na escola grupos de jovens onde a comunicação bimodal é cada vez maior. Será que a influência é da escola, da família ou dos amigos? Não sei o que se passa para que isto aconteça.*

LG – (8) *Existem influências na LGP? Há prejuízos? Sim ou não? Porquê?*

JA – *Existem influências em LGP, há algum prejuízo, sim, falta colaboração, falta fortalecer a língua, falta uma autoridade, um líder. Alguém com autoridade, ou a Federação, ou a Associação deve ser uma voz forte para representar a luta dos surdos. Porém, agora, os surdos estão separados, talvez a desaparecer. Isto nota-se muito, é triste. Por exemplo, eu, de nome gestual, “rapaz+guarda-redes”, de nome João Alberto, de 1998 ou 1999 até 2009, participei em várias viagens por Portugal: Viseu, Guarda, Braga, Porto, Ílhavo, Coimbra,*

Aveiro, Portalegre, Évora, Beja, Lagos, Taveira, Faro, Lisboa. Estive em vários sítios durante alguns dias, às vezes ficava quinze dias, dormia lá. Tornei-me mais sensível às pessoas, às questões que elas me colocam, à solidão nas aldeias, onde só convivem dois ou surdos, às suas preocupações. Comecei a pensar na forma de dar resposta às suas perguntas, a tentar alguma coisa. Pela língua é importante dar respostas. É triste ver estes surdos que não vão a lado nenhum, que ficam sempre no mesmo sítio, sem acesso à informação, sem partilha de opiniões. Isto prejudica o seu futuro. As pessoas ouvintes são sensíveis, sim, mas não é possível que um ou dois surdos entre os ouvintes tenham acesso à formação ou ao ensino. Não é possível que, desta forma, a língua se torne rica e gramaticalmente estruturada. Os surdos também têm direitos: na saúde, no emprego, na educação. É preciso que esses direitos sejam reconhecidos.

CM – *Sim a LGP tem influências. Se é um prejuízo? Acho que não, porque antigamente existia pouca LGP, ou seja, havia carência de gestos e muitos surdos não sabiam escrever. Era normal, agora com a influência das palavras sobre os gestos faz com que todos aprendamos mais. Não pode ser só no estrangeiro, em Portugal isso também tem de acontecer. Acho que deve haver influências e isso pode acarretar algum prejuízo.*

LG – **(9) Os dialetos da língua gestual portuguesa irão diminuir?**

JA – *Disseram-me que os dialetos iriam diminuir. Acho que sim porque escola faz a integração dos surdos e isto enfraquece e destrói a língua. Se, antes de se integrarem, os surdos já estivessem bem preparados, ao nível identidade e da cultura, então a integração podia ser positiva. Agora, integrando os surdos cada vez mais cedo, misturando surdos e ouvintes com o objetivo de desenvolver a oralidade, criando gestos ao calhas, assim, sinto que podemos ter um problema no futuro. Os surdos são cada vez menos nas turmas, então têm cada vez menos contato. A relação entre as associações é de pouca colaboração, de pouca partilha de informação. No final, é a comunidade que perde. Era preciso que os surdos se juntassem numa única voz forte, para ganhar poder e, assim, chamar a atenção da sociedade. Os surdos só irão chamar a atenção do governo e dos políticos se se juntarem numa única voz, mas eles estão separados. Isto prejudica-os. Na minha opinião, as crianças não deviam ser integradas, eu não concordo, mas a família é que tem poder, sobretudo junto do governo, e isto é um problema. Seria melhor observar com atenção o sistema educativo e tentar o melhor para os surdos: se integrados, totalmente separados, brincando juntos. O*

problema está as aulas, no ensino, perceber o que os surdos precisam e tentar melhorar. É difícil encontrar uma resposta.

CM – *Não sei. É difícil de responder... Porque os idosos surdos têm os gestos adquiridos, próprios da sua região. Nas associações, o convívio continua e é difícil que os dialetos diminuam porque agora há mais informação. Vai demorar algum tempo até que isso aconteça.*

LG – **(10) Sente que na comunidade surda os gestos vão melhorando mais do que na língua oral?**

JA – *Os ouvintes usam a oralidade todos os dias. Os surdos usam a oralidade por respeito aos ouvintes, mas eles têm gestos fortes, identidades fortes. É difícil comparar duas situações tão diferentes. O cérebro de todos os humanos tem os mesmos conceitos e é estruturado de igual modo. A diferença é que os conceitos nos surdos expressam-se através de gestos. Precisam de mais apoio na escrita, sobretudo os surdos mais profundos. A verdade é que dizem tudo com as mãos, e há provas disso, mas não conseguem escrever bem. Quem tem apoio, sabe como escrever é importante. Há mas surdos que têm muitas capacidades e conseguem evoluir e outros que têm mais dificuldades, tal como os ouvintes têm níveis diferentes. Os surdos acabam por se juntar em grupos consoante os seus interesses, mas é preciso não deixar de parte aqueles que são mais fracos para. Também, na família de ouvintes, dizem que os surdos têm de falar bem, preocupam-se muito com a oralidade, mas isso faz com que não exista uma boa comunicação e mostra que não têm sensibilidade.*

CM – *Isso depende das pessoas. Eu conheço muitos surdos que oralizam e outros que têm gestos muito fortes. A maioria possui gestos fortes mas agora começam a aparecer alguns que já oralizam.*

LG – **(11) Qual acha que vai ser o futuro da língua gestual portuguesa?**

JA – *Não sei qual vai ser o futuro da LGP, pois já começou a enfraquecer. Os políticos dizem que os surdos criam problemas. Como já disse antes, têm de se juntar numa única voz pela reivindicação dos seus direitos. A realidade é que fazem as coisas em pequenos grupos e isto confunde o governo. Todos os surdos precisam de pensar bem no futuro da sua língua e ficar preocupados.*

CM – *Eu acho que no futuro a LGP vai continuar desenvolver-se e mais pessoas vão querer aprender LGP.*

LG – (12) Em que é que achas que os surdos se basearam para realizar os gestos: “CAFÉ”, “AZUL”, “CINZENTO”?

JA – É verdade, em língua gestual, diz-se de maneiras diferentes. Porque a palavra “CAFÉ” tem a configuração “T”? Porque a palavra “AZUL” tem a configuração “B”? Porque a palavra “CINZENTO” tem a configuração “B+pinça aberta+fechada”? Isto não é do meu tempo. Antigamente, há uns anos atrás, a forma do gesto tinha uma lógica relacionada com a forma de o ouvinte dizer “CAFÉ” em mímica, com o gesto para “CHÁVENA DE CAFÉ”. Há um tempo atrás café era assim, tal como o gesto antigo para telefone correspondia à captação visual do telefone de parede, com o movimento de rodar junto ao ouvido e na boca. Depois modificou-se com o telefone fixo e mais tarde transformou-se nas mensagens que se recebiam no bolso do pager e agora é o gesto das mensagens de telemóvel. É natural que, com a evolução das novas tecnologias, os gestos também se modifiquem. Como há comunicação entre os surdos, percebem bem os novos gestos que são baseados na representação visual dos conceitos.

CM – Por exemplo no gesto “CAFÉ” é fácil perceber porque o usamos, o gesto é igual ao de pegar numa chávena. Relativamente ao gesto “CASA”, antigamente, os surdos idosos, realizavam-no fazendo a forma de uma casa e não como agora, porque estava associado ao edifício, mas agora já não sei explicar. O gesto “CINZENTO” não sei, não faço ideia. Alguns gestos para mim não estão relacionados com a palavra em si, é possível que sejam palavras que fomos buscar ao estrangeiro. Não tenho grande resposta para esta pergunta, não sei mesmo.

LG – (13) Porque há tantas formas diferentes de dizer o gesto “QUEIJO”?

JA – Alguns surdos convivem apenas na escola com os seus colegas, não saem, não têm contato com outros surdos. O gesto “LEITE” foi criado neste contexto, entre surdos que estão dentro da escola e que o produziam junto ao peito. Noutra escola, alargou-se a família do gesto “LEITE” para os gestos “QUEIJO”, na têmpora, “LEITE DE BEBER”, “QUEIJO FRESCO”, tudo o que estava ligado ao produto da vaca. A lógica era essa. Por exemplo: todos sabem como são engraçadas as várias origens do gesto “VERDE”, produzido no peito, ou no nariz, ou no queixo, ou na têmpora. São tantos gestos para “VERDE”. Os ouvintes só têm uma palavra para “verde”, mas já tem duas para “vermelho”, “encarnado” e “vermelho”, enquanto o surdo só tem um gesto. Se eu perguntar a um ouvinte porque existem

duas palavras para “vermelho”, ele, provavelmente não me vai saber responder. Com os surdos é igual. A produção dos gestos vai variar entre os surdos de escola para escola. No meu tempo, em Lisboa, havia a escola da Casa Pia e a da Imaculada Conceição, mais tarde no Ministério de Educação, surgiu a escola das Laranjeiras, do Marquês de Pombal e várias outras escolas. No Porto foi a mesma coisa, antigamente havia poucas escolas e depois foram surgindo muitas outras. O problema é que as escolas de surdos não tinham contato entre si. Os professores não sabiam gestos, então chamavam um surdo, mostravam, por exemplo, a relva e apontavam para a cor verde. Então, os surdos diziam à professora o gesto “RELVA” e a professora dizia “verde”. Noutra escola, a professora dizia que o verde correspondia ao leão e às riscas e os surdos faziam o gesto “SPORTING” ou mordiam o dedo retratar o leão. Noutra escola ainda, por exemplo, algumas freiras espanholas vieram para Portugal já com um gesto espanhol próprio para “VERDE”, que toca no nariz com o indicador. Aqui os surdos podem ter achado graça ou estranhado este gesto, mas a verdade é que os influenciou, pois utilizavam-no diariamente por brincadeira. O problema é que é relativamente simples criar um gesto, mas, se não há contato entre os surdos, são criados gestos diferentes. No entanto, agora é diferente, os surdos interagem mais, vão ao porto, a Lisboa, a Coimbra, ao Algarve e acabam por comunicar com gestos parecidos, embora existam algumas diferenças locais. Penso que a LGP tem um vocabulário tão rico quanto a língua portuguesa e tenho muito orgulhoso nisso.

CM – *Por exemplo eu fui ao Porto e vi o gesto “QUEIJO” e fiquei admirada, para mim isso torna-se uma confusão. Se for a Lisboa, estou habituada ao gesto “QUEIJO” do Porto e depois é complicado tenho de estar sempre a alterar o gesto. No Porto é de uma maneira e em Lisboa de outra, temos de respeitar a opinião de cada um, porque é a cultura do Porto e também a cultura de Lisboa.*

LG – **(14) Antigamente, os surdos usavam gestos com mais expressões faciais?**

JA – *É verdade, os surdos mais antigos tinham expressões faciais mais fortes na língua gestual, porque dormiam na escola, contavam histórias, recontavam filmes de cowboys e outros com bastante expressividade, enquanto os ouvintes falavam disto sem grandes empolamentos, para os surdos era uma grande coisa. Agora, os surdos têm mais oralidade e os gestos perdem as expressões, quando falam oralmente não dá para fazer as expressões faciais ao mesmo tempo porque têm a cara “presa”. Os ouvintes, por sua vez, têm dificuldade em fazer as expressões faciais. Os surdos produzem os gestos com muitas expressões e*

movimentos ligados à maneira como sentem, por exemplo, relatando um filme tal e qual, mas, agora, os gestos parecem mais empobrecidos. Assim, a sociedade dos ouvintes olha para a LGP e pensa que ela é pobre e, por isso, os surdos têm problemas. Isto influencia, mas não é verdade, os surdos têm de ser fortes. Já disse muitas vezes e repito que todos os surdos se devem juntar, não vale a pena estarem separados, inclusive na escola.

CM – Eu conheço pouco essa situação. Mas eu já vi e alguns oralizam e fazem gestos (comunicação bimodal) mas não são gestos “fortes”. É possível que isso seja causado pela idade de cada pessoa. Em comparação existem surdos com gestos “fortes” e que apenas realizam os gestos (não utilizando comunicação bimodal). Não sei, eu conheço poucos surdos idosos.

LG – (15) *Achas que seria relevante incluir no programa escolar os dialetos de LGP, ou seja, ensinar os gestos correntes e também a sua forma passada?*

JA – Os dialetos podem utilizar diferentes gestos para “NETO”, por exemplo, ora no queixo, ora o do Porto, como chamar. Há que respeitar as diferentes variantes. Estes gestos são utilizados todos os dias, nas famílias de vários sítios. Podemos ficar admirados com as diferenças, mas isso não é um problema na relação e na comunicação entre os surdos. Isto deve ensinar-se nas aulas de LGP. Por exemplo, uma criança não percebe a palavra “automóvel”, diz só “popó”, mas à medida que vai crescendo, muda, torna-se adulta e pode dizer a palavra “carro”, ou “automóvel”, ou “veículo”. Os surdos não têm possibilidades gramaticais iguais às dos ouvintes.

CM – Existem situações muito diferentes. Por exemplo eu aprendi LGP aqui em Coimbra e de futuro quando concorrer posso ser colocada em Vila Real. Chego lá e começo a ensinar os meus gestos. Poderei ensinar os gestos que aprendi em Coimbra ou tenho obrigação de ensinar os dialetos? Eu não sei a situação de cada família. Vou ensinar os gestos que aprendi em Coimbra, a língua como aprendi. Possivelmente os pais não vão gostar que ensine gestos diferentes aos que os filhos estão habituados, não sei. É difícil explicar.

Além das entrevistas citadas acima, quis-se ainda questionar sobre estas questões alguns surdos de referência na comunidade, oriundos de diferentes regiões.

Helder Duarte nasceu em Angola, na Nova Lisboa, em 1967. É o mais novo de três irmãos, sendo ele e o irmão do meio surdos profundos de nascença.

Terminou a escolaridade no Núcleo de Apoio à Criança Deficiente Auditiva de Lisboa e aos 27 anos tornou-se presidente da APS, cargo que ocupou durante cinco anos. Em 1997, liderando uma comissão de instituições ligadas à comunidade surda, conquistou o reconhecimento da LGP como língua e em 1998 conseguiu, através da direção da APS, a introdução do ensino bilingue para surdos. Na área do desporto para surdos, foi presidente da LPDS e secretário-geral da *European Deaf Sports*. Em 2009 concluiu a Licenciatura em LGP – Ramo da Lecionação da LGP, na Escola Superior de Educação de Coimbra.

É normal que os gestos antigos se tenham desenvolvido até aos gestos atuais. Isto é normal que aconteça por causa da sociedade em geral, por causas das diferentes gerações e por causa dos nossos dias, cada vez mais tecnológicos e onde as novas tecnologias surgem a cada instante. Antigamente, por exemplo, não havia televisão, existiam poucos jornais e pouca rádio, os surdos sentiam-se isolados pois não tinham acesso à informação. Era tudo muito visual. É normal que as coisas mudem e que exista desenvolvimento. Ora se começam a aparecer novas tecnologias é normal que estas pessoas olhem para elas e tentem também elas evoluir. Os diferentes grupos de surdos vão-se adaptando e vão adotando os gestos de outros grupos e isso faz com que se introduzam novos gestos. Vão buscar esses gestos para ser mais fácil o seu pensamento linguístico. Por exemplo, antigamente não existia gesto para “JUNTA DE FREGUESIA” as pessoas faziam diversos gestos mas não existia apenas um para definir esta entidade, contudo agora temos um gesto para a definir, pois numa viagem aos Açores, os surdos trouxeram este novo gesto. As pessoas começaram a aperceber-se do gesto, viram-no e mudaram e a partir daí adotaram-no e difundiram-no. É importante que isto aconteça e isto só é possível devido às novas tecnologias pois é algo muito visual. Porém algumas pessoas têm dificuldades em adaptar-se e continuam a usar os gestos antigos, mas isso também é importante uma vez que é uma defesa da língua antiga. Atualmente, os jovens estão muito avançados, utilizam muito a tecnologia e diversas tecnologias. No entanto, o maior problema é a comunicação bimodal e o uso cada vez menor de gestos. Antigamente, isto não acontecia pois o governo “fechava” os surdos numa sala e tudo estava resolvido, mas agora o governo mudou a lei e é permitido a integração dos surdos e isto faz com que exista cada vez mais a comunicação bimodal.

Amílcar Furtado estudou na escola de São Marçal, em Lisboa, e, no início, não percebia muito bem os gestos. Não havia muitos gestos e os Surdos misturavam-se na

sociedade quando se tornavam adultos... Começou a aprender os gestos porque era tudo muito visual, depois passou a participar na Associação de Surdos e percebeu que existiam gestos diferentes. Aí os gestos eram mais ricos e tornou-se, assim, mais fluente. Mais tarde percebeu que, nas diferentes associações de surdos em Lisboa, existiam níveis de LGP diferentes, o que o surpreendeu um pouco. Posteriormente, em 1997, com o reconhecimento da LGP, aconteceram alguns avanços. Mas, antes disso, no Porto, no Sul, a Este e a Oeste, nas diversas regiões, apercebeu-se que os gestos eram todos muito diferentes. Antigamente, os gestos dos colégios no Porto, na Casa Pia de Lisboa eram muito “fortes”, então os diferentes grupos que estudavam nestes locais tinham a sua “própria” LGP. No entanto, na comunicação entre eles, percebia-se tudo pela lógica.

Armando Baltazar, natural do Porto, sente-se um bocado diferente porque perdeu a audição aos treze anos de idade, tendo começado a aprender LGP apenas aos 15 anos. Na altura, eram gestos antigos próprios da cidade do Porto, gestos que os surdos idosos transmitiam. Andou sempre em escolas de ouvintes, nunca esteve numa escola apenas de surdos, pois, depois de perder a audição, desistiu de estudar. Posteriormente, voltou à escola à noite e atualmente frequenta a ESEC.

De acordo com “**Documentário sobre os 10 anos do reconhecimento da LGP**” é possível afirmar que inicialmente se instalou em Portugal o oralismo. Durante esse período as pessoas eram obrigadas a oralizar e eram castigadas por utilizarem a LGP. Não a podiam mesmo utilizar porque a sociedade não permitia. Contudo era às escondidas que a língua gestual portuguesa se tornava forte e com vontade de vencer, ou seja, quando não tinham ninguém por perto os surdos utilizavam a LGP de uma forma espontânea e sem preocupações. Com o passar do tempo, a LGP tornou-se cada vez mais forte e foi sendo progressivamente aceite pela sociedade em geral. Então, criou-se uma comissão de trabalho com o objetivo de reconhecer a LGP pela Assembleia da República, o que foi conseguido em 1997. A partir desse ano, esta língua começou a ser vista de uma forma diferente e, como consequência disso, passou a ser mais aceite na escola e na rua. O problema foi que, com esta difusão, assistiu-se à perda de qualidades visuais desta língua, uma vez que se ia misturando cada vez mais com a língua portuguesa.

“Antes... na educação dos surdos, era o oralismo. A língua gestual... a língua natural dos surdos, era proibida. Mas, às escondidas... era muito mais forte, os surdos recorriam espontaneamente à sua língua. Aos poucos, a LGP... foi sendo valorizada pela investigação, pela educação e pela sociedade. Constitui-se um Comissão de surdos, pais e professores, e a LGP, foi finalmente reconhecida pela Assembleia da República! Depois... passou a ser aceite na escola, na rua... Mas... misturou-se com o português, perdendo características visuais. Há cada vez mais intérpretes... e menos qualidade na sua formação. E ouvintes a aprender LGP e a querer ensiná-la sem a dominar... E o futuro? Os surdos acabarão? A LGP desaparecerá?”

(texto retirado da capa do DVD)

Vejam-se alguns excertos retirados do Documentário, comparando os gestos mais antigos com os da nova geração:

Eu via os jovens a passar e percebi: os seus gestos eram misturados com fala, a língua degradava-se...

Atualmente, os jovens, os seus gestos, está tudo diferente!

Aumentam os Surdos integrados, os gestos são feitos seguindo a gramática do Português, isso está a aumentar...

Antes, os Surdos tinham uma identidade mais forte, a língua gestual não tinha essas influências.

Os gestos deles (jovens) são diferentes dos meus (idoso)!

Os Surdos mais idosos têm uma estrutura forte na língua gestual. Porém, os jovens quando os vêem, desprezam isso e dizem que os "velhos" não sabem gestuar. Mas na verdade, são os jovens que mais falham.

A verdadeira língua gestual, forte, estruturada, está ali, nos Surdos idosos.

Os jovens de hoje cresceram num sistema educativo diferente, que mudou.

É verdade que há vários sítios com ensino em LGP, mas o professor ao fazer os gestos adapta-os à ordem das palavras do Português, fazendo com que os alunos sejam influenciados por essa "gramática". Isto causa um desvio do caminho correto. Deixa de haver surdos que gestuem corretamente.

Assim que a LGP foi reconhecida, a integração acabou por causar influência do Português, dos gestos da LGP seguindo a ordem do Português...

A ordem dos gestos hoje está toda trocada, por causa da influência do Português e também por se estar a perder a LGP de antigamente.

Dantes a LGP era tão forte.

Isso tem sido um grande prejuízo. E também a riqueza, a gramática da LGP, bem lá dentro, perderam qualidade... Coisas de valor foram sendo perdidas...

A LGP está a adaptar-se à ordem do Português, há falhas...

Realmente, tem mudado um bocadinho, a seguir cada vez mais a ordem das palavras do Português, mas só os jovens!...

Na integração, a língua gestual não existe naturalmente... Inventam coisas, criam gestos "leves" e depois espalham-se...!

Às vezes reparo que os gestos diminuem e aumenta a oralidade. Nota-se que há influência...

Antes a Comunidade era mais forte, agora, com a perda de gestos, com as mudanças na língua gestual, perderam-se as qualidades e as características de antigamente.

Antigamente, a língua gestual era forte, com bastante expressão facial, era raro haver movimento labial de palavras associadas aos gestos.

A expressão era mesmo forte, agora, por exemplo... na sociedade atual, mais aberta, há muitos surdos a gestuar, livremente, mas a expressão facial é cada vez menor, os gestos estão mais oralizados, menos naturais.

Às vezes os Surdos das unidades, em Évora... veem gestos novos, que não conhecem, por exemplo, em Lisboa, há gestos novos, a língua gestual desenvolve-se lá, mas em Évora, na província, os gestos não mudam, são os mesmos. Não conhecem o que se passa lá, o que há de novo em Lisboa. E quando vão a Lisboa, ficam admirados, com os gestos novos, não conhecem...

Tudo bem, dá na televisão, eu pergunto aos alunos, formadores, e não percebem alguns gestos, a forma como são feitos... parece que alguns gestos foram deitados fora, falta qualquer coisa. Não se percebe claramente...

4. ESTUDO

A relevância deste tema provém do facto da alínea H) do n-2 do artigo 74^a, de 1997, da Constituição da República Portuguesa proclamar que incumbe ao Estado (...) *proteger e valorizar a LGP enquanto expressão cultural e instrumento de acesso a educação e da igualdade de oportunidades*, sendo que as variações dialetais fazem parte dessa expressão cultural de uma população autóctone espalhada por diversas regiões. As variações constituem uma parte importante da identidade surda e da sua história.²⁶

Alguns surdos vivem isolados e por isso é normal que a comunicação gestual deles seja mais básica e própria, criada através de códigos.

Paralelamente, temos assistido a um progressivo desenvolvimento de várias “culturas surdas” e de mudanças culturais e tecnológicas que têm exigido o recurso a novos gestos. Atendendo a essas mudanças e a uma influência da língua gestual utilizada pelas pessoas surdas mais velhas, em relação à qual se percebem mudanças notórias na forma e no conteúdo dos gestos, têm se formado, naturalmente, regionalismos da língua gestual portuguesa.

A “fala” de um nortenho não será certamente igual à de um alentejano, ou seja, a “fala” utilizada em diferentes regiões possui características próprias e é nesse âmbito, tentando estabelecer uma analogia entre todas estas informações relativas à língua portuguesa e tentando estabelecer uma analogia entre esta e a língua gestual portuguesa, que foi desenvolvido este trabalho, pois, tal como na língua portuguesa oral, existem diversos dialetos em LGP.²⁷

No território português continental, os meios de comunicação “obrigam” à diminuição dos dialetos regionais, fazendo com que alguns termos se adaptem às novas realidades. No entanto, na LGP é impossível seguir o mesmo raciocínio porque há poucos programas com interpretação em língua gestual portuguesa e os que há têm o quadrado muito pequeno, tornando, muitas vezes, mais fácil a leitura através de legendas. Este facto está, no entanto, a mudar aos poucos, pois agora existe a Surdo TV, que contém programas só em língua gestual (portuguesa e outras).

²⁶ Ciccone, M. (1996). *Comunicação total*.

²⁷ Faria, I. et al. (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*.

4.1. Hipóteses

Esta investigação tentará demonstrar a existência dessas variações dialetais na LGP que se usam hoje em dia no território português. Este tema é importante para a divulgação das particularidades dialetais de LGP, para que não se perca esta riqueza variacional, sendo de salientar que é a primeira vez que tal investigação é realizada, podendo, assim, abrir caminho a estudos futuros.

4.2. Objetivos

Pretende-se, logo à partida, com esta investigação, estender todos os conceitos relacionados com as variações dialetais nas línguas orais à língua gestual portuguesa. Neste caso, a variação está relacionada com fatores geográficos, havendo, como é pretendido provar, diferentes usos de língua em regiões diferentes, o que parece ilustrar uma variação diatópica (do grego *Topos* - “lugar”), geolinguística ou dialetal.

Para tal, estuda-se aqui o uso de diferentes gestos por parte de diferentes comunidades para designar os mesmos conceitos.

- ***Objetivo geral***

Esta pesquisa tem como principal objetivo dar a conhecer o uso de regionalismos na língua gestual portuguesa por parte da comunidade surda e da comunidade ouvinte, promovendo o seu registo efetivo para estudos futuros, que nos permitirão perceber a evolução da LGP nas comunidades de surdos das diferentes regiões do país e analisar as relações de poder envolvidas na eventual seleção de uma das variantes.

- ***Objetivos específicos***

Em particular, pretende (1) desmistificar-se a ideia de que a língua gestual portuguesa é igual em todo o território nacional, provando a existência de diferentes regionalismos; (2) investigar a existência de regionalismos na língua gestual portuguesa atualmente e proceder

ao seu registo assim como a uma breve explicação dos regionalismos mais relevantes; (3) dar a perceber a flexibilidade na forma de comunicação da comunidade surda e que os gestos próprios dos dialetos não são muito diferentes entre si, sendo perceptíveis por todos devido, essencialmente, às expressões faciais e à utilização em contexto; e, por fim, (4) demonstrar a evolução da LGP e a progressiva influência do português, por um lado e (5) o recurso preferencial a gestos próprios de Lisboa.

4.3. Metodologias e estratégias

As estratégias e metodologias escolhidas para esta investigação são a pesquisa bibliográfica, entrevistas e inquéritos filmados nas diferentes regiões. Nas entrevistas e inquéritos serão apresentados cerca de 92 gestos de dialetos de LGP. Estes gestos designam as mesmas palavras agrupadas em grandes áreas temáticas, como: família e graus de parentesco, escola, alimentação, regiões, eletrodomésticos e novas tecnologias, meio ambiente, vestuário e outros objetos, profissões e meses do ano. Também se abordam algumas relações semânticas por antonímia e ainda classes de palavras, como verbos e pronomes interrogativos. Os gestos foram filmados pela entrevistadora, mostrando as palavras em língua portuguesa, projetadas no computador.

No caso da comunidade surda, poder-se-á adivinhar a influência das escolas de surdos, cujos grupos de falantes parecem utilizar uma comunicação diferenciada localmente, pelo que, provavelmente, estes serão as áreas geográficas de eleição para a recolha das variações dialetais.

- ***Objeto de estudo***

As entrevistas foram realizadas a surdos de Coimbra, do Porto, de Lisboa e da região autónoma dos Açores e incidiram sobre os seguintes temas: família e graus de parentesco (12), escola (12), alimentação (9), regiões (9), eletrodomésticos e novas tecnologias (6), meio ambiente (6), vestuário e outros objetos (5), profissões (5), meses do ano (2); antónimos (9) e classes de verbos (14) e pronomes interrogativos (3), perfazendo, assim, um total de 92 gestos

dialetais da LGP, com a finalidade da constatação da variação dos mesmos mediante a região de onde os entrevistados fossem provenientes. Na mesma palavra existem sempre diferenças, ainda que, nalguns casos, não sejam muito evidentes.



Gráfico 1 – Número de gestos por tema

- **Informantes surdos**

As treze entrevistas foram realizadas a pessoas surdas, formadores de LGP, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 27 e os 44 anos (idade média de 36 anos).

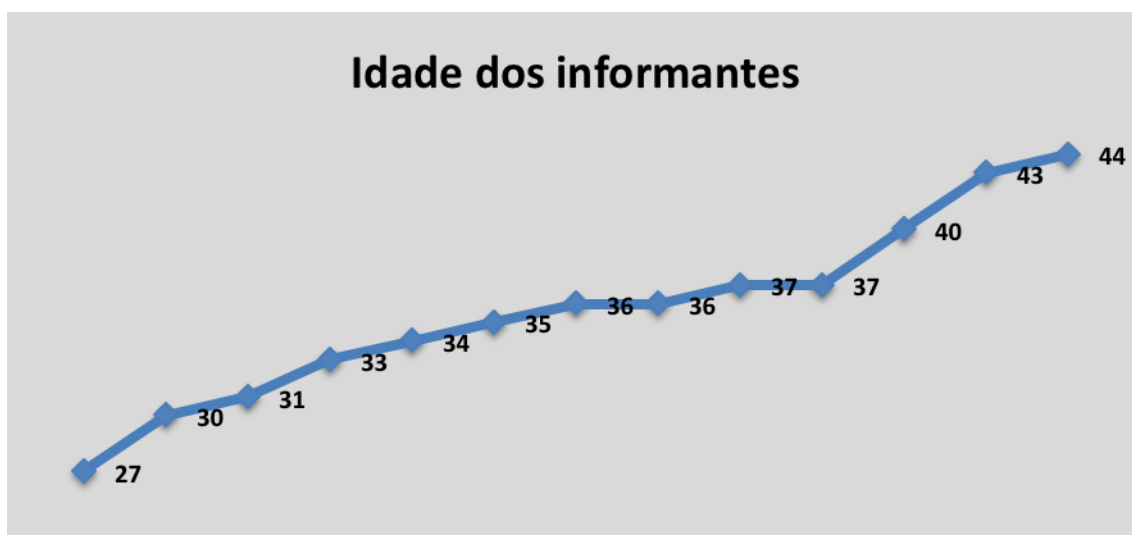


Gráfico 2 – Idade dos informantes

Do total dos informantes, onze são surdos profundos e dois surdos parciais.

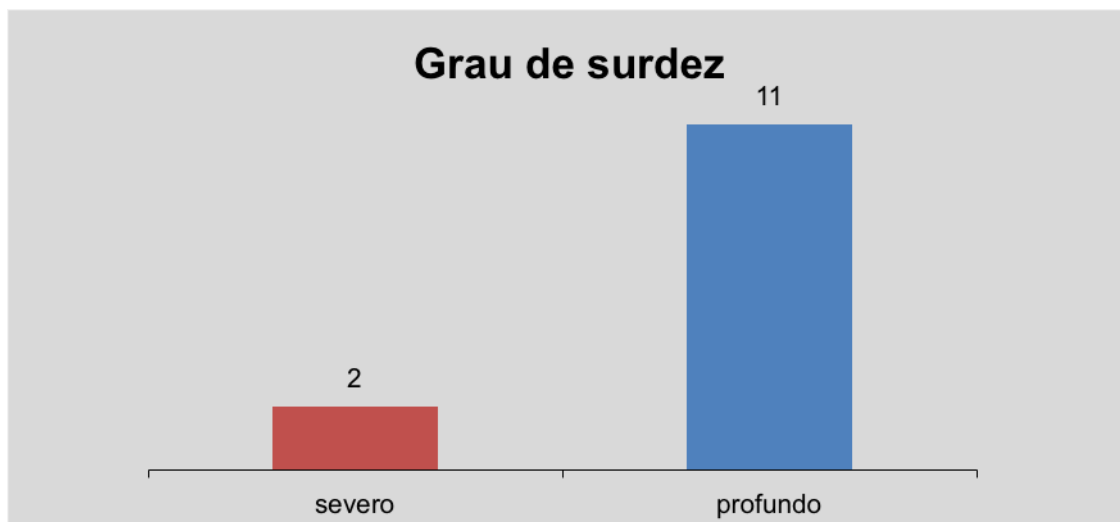


Gráfico 3- Grau de surdez

Considerámos importante colocar gráficos, representando o local de residência durante a infância e o local de residência atual. Este aspeto é pertinente na medida em que pode influenciar a forma como realizam a sua língua gestual.

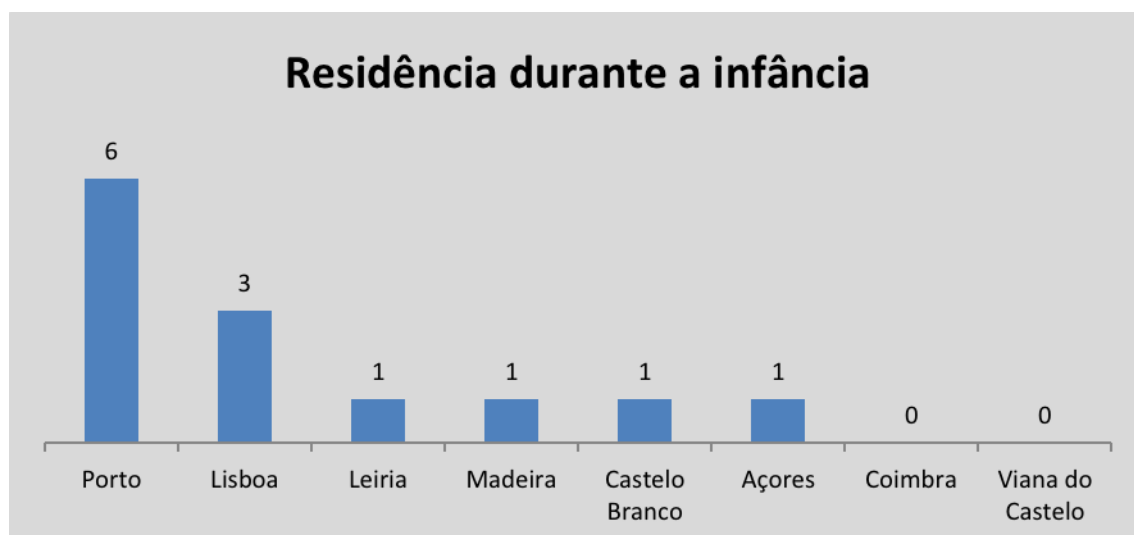


Gráfico 4 – Local de residência durante a infância

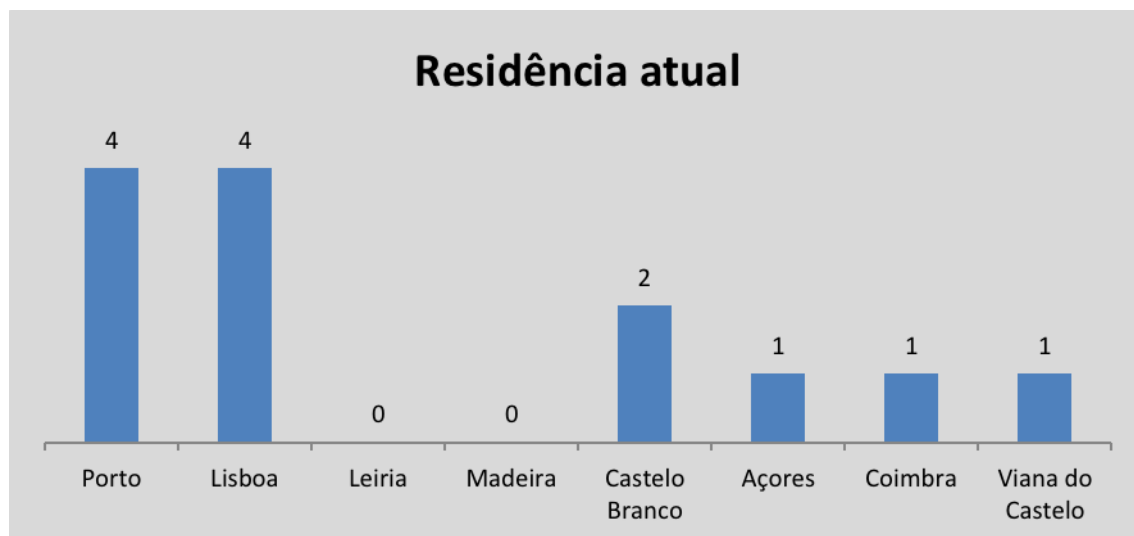


Gráfico 5 - Local de residência atual

Através dos gráficos representados acima podemos verificar que quatro das treze pessoas da nossa amostra mudaram de residência entre a infância e a idade adulta.

É importante referir também que cinco elementos da nossa amostra se encontram a finalizar a sua Licenciatura na Escola Superior de Educação de Coimbra e oito já a concluíram. Destes últimos, quatro lecionam língua gestual portuguesa, estando colocados em Escolas de Referência de Ensino Bilingue para Alunos Surdos ou em empresas direcionadas para o ensino da mesma língua, nas áreas geográficas onde residem atualmente.

Todos os elementos da amostra participam com regularidade em Associações de Surdos, sendo que a maioria participa na ASP (Porto) e na APS (Lisboa).

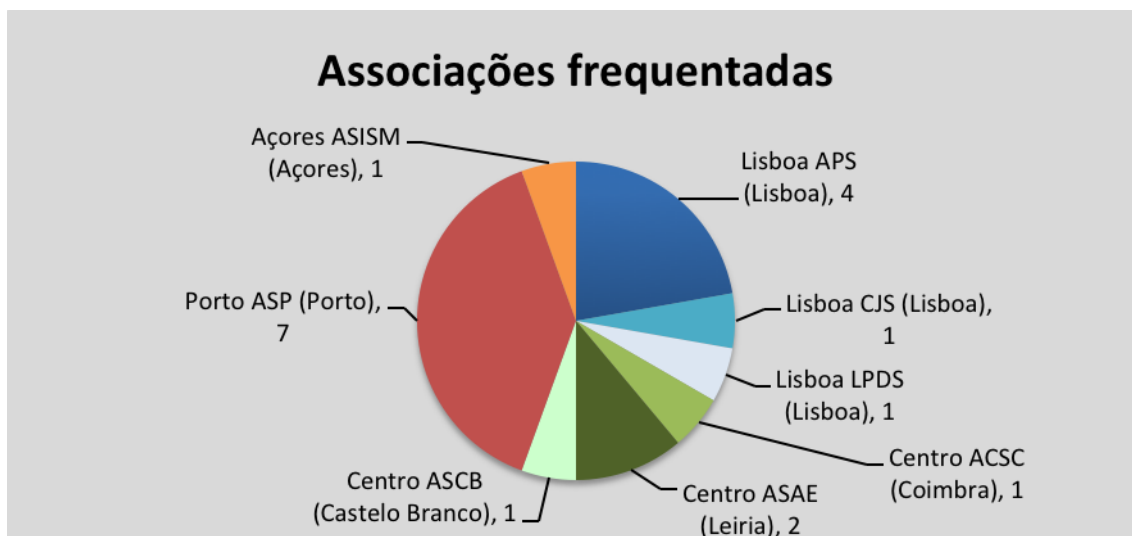


Gráfico 6 – Associações em que participam

Do total da nossa amostra, os surdos parecem preferir diferentes tipos de convívio, nomeadamente, o desporto, conferências, local de emprego, entre outros.



Gráfico 7- Locais de convívio

Relativamente aos familiares e companheiros, podemos verificar que oito informantes têm familiares surdos e cinco têm familiares ouvintes, a proporção inversa verifica-se em relação ao companheiro, em que cinco têm companheiro/a surdo/a e oito têm companheiro/a ouvinte.

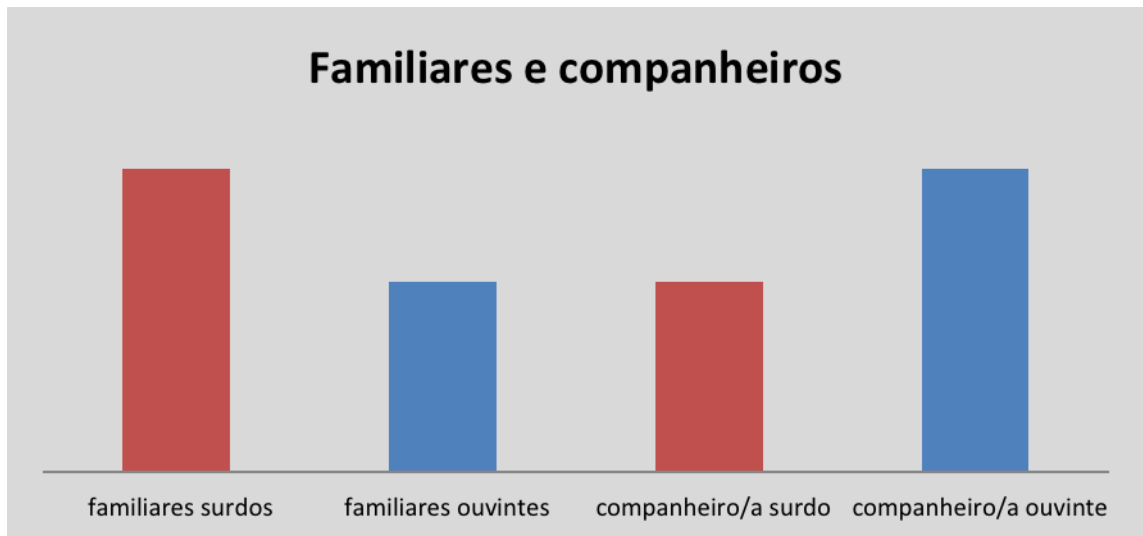


Gráfico 8 – Familiares e Companheiros

Na nossa amostra, a maioria tem entre cinco e dez anos de experiência profissional.



Gráfico 9 – Anos de experiência profissional

4.4. Resultados

No sentido de determinar com algum rigor as variantes dialetais foi necessário identificar quais os gestos padrão. A escolha deste prende-se principalmente com o gesto que é maioritariamente e mais frequentemente utilizado. Nesta lógica verifica-se que parece haver mais gestos padrão nas zonas centro e sul, talvez devido a um maior contacto entre os surdos destas regiões e, eventualmente, por representarem também o grosso da população surda. Assim, nestas circunstâncias é mais fácil a divulgação de um gesto novo. Quando o mesmo processo ocorre no norte do país a influência parece não ser tão marcante na medida em que a abrangência geográfica é mais reduzida.

No caso de não se identificarem gestos padrão, o que se deve, certamente, à falta de contacto entre a comunidade surda entre si, não permitindo a fixação de um gesto que seja comum a todos ou que seja entendido por todos. Assim, quando surge um conceito novo e a comunidade surda sente necessidade de o expressar entre o seu grupo mais restrito de convívio cria um gesto segundo as regras gramaticais da LGP. Se este for divulgado e aceite pela maioria da população surda este torna-se um gesto padrão. Caso contrário surgirão outros gestos entretanto criados por outros grupos de surdos que sentiram a mesma necessidade. Daí a existência de regionalismos na LGP.

Com base nas entrevistas, são notáveis as diferenças na execução de gestos correspondentes à mesma palavra, sendo algumas dessas diferenças mais assinaláveis, enquanto outras são mais discretas.

Por exemplo: o verbo “ACONTECER” foi executado com três variantes diferentes, decorrente de uma entrevista a treze pessoas surdas. Só em Lisboa, encontraram-se três gestos para o verbo “ACONTECER”.



ACONTECER1 (5 informantes)



ACONTECER2 (2 informantes)

Nesta situação verifica-se que o movimento é o mesmo, contudo existe uma ligeira diferença na configuração que tende a fechar-se sobre si própria, passando de “mão Aberta” a “pistola!



ACONTECER3 (4 informantes)

Verifica-se que este gesto é uma unidade lexical diferente, muito provavelmente um sinónimo com o significado de “calhar”, “de repente”.

O verbo “CANCELAR”, por sua vez, foi executado de seis modos diferentes, pelas mesmas treze pessoas surdas, mediante as entrevistas. Estas são algumas das formas que as pessoas fizeram:



CANCELAR1 (4 informantes)



CANCELAR2 (1 informante)2

Verifica-se que aqui uma variação fonológica com uma pequena modificação da configuração “A” (baseado no gesto “anular”) para “R”, possivelmente por ser de articulação mais fácil.



CANCELAR3 (2 informantes)

Este gesto parece ser uma variação lexical exclusiva das regiões de Lisboa e Coimbra.

No gráfico que se segue podemos identificar o total dos gestos representados. Assim podemos verificar que, dos 1117 gestos filmados, 32% são variantes dialetais (360).

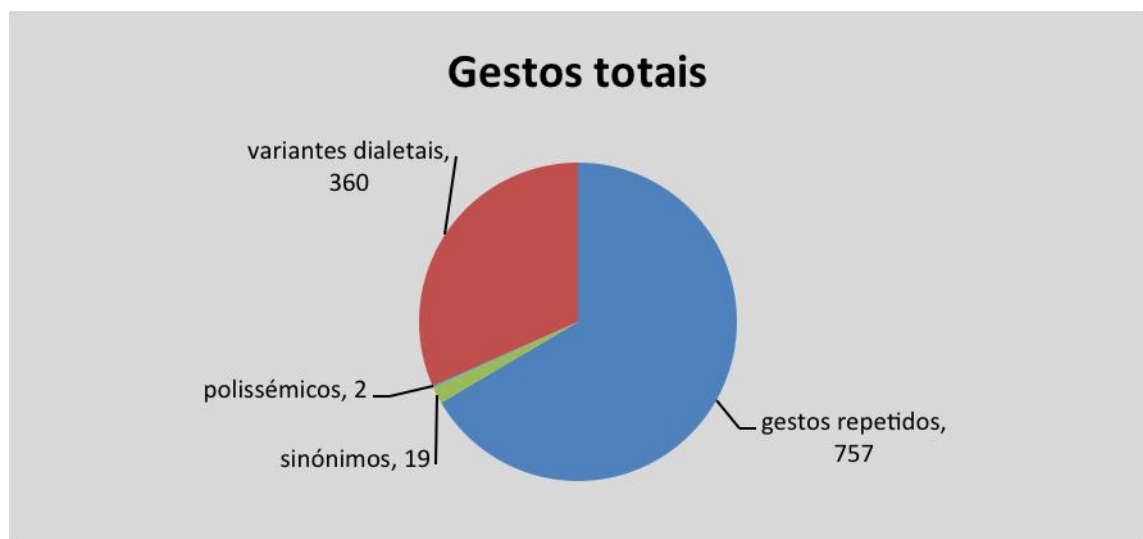


Gráfico 10 – Gestos totais

Podemos analisar as variantes dialetais por região e perceber que a maior parte delas se localiza em Lisboa (34%), seguida da cidade do Porto (29%), de Coimbra (15%), dos Açores (11%), da Guarda (6%) e de Castelo Branco (5%).

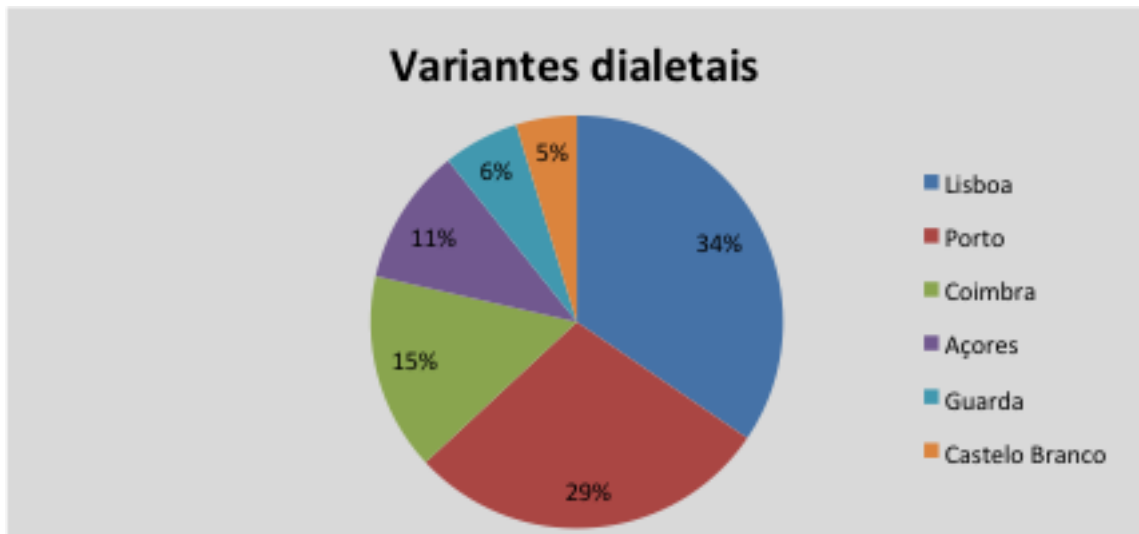


Gráfico 11 – Variantes dialetais por região

Em comparação com o gráfico 11 podemos dizer que os gestos padrão se distribuem da seguinte forma: 22% em Lisboa, 18% no Porto, 16% castelo Branco e 16% em Coimbra, 15% na Guarda e 13% nos Açores.



Gráfico 12 – Gestos padrão por região

Podemos ainda fazer referência a dois tipos de variantes dialetais encontradas: 56% fonológicas e 44% lexicais.

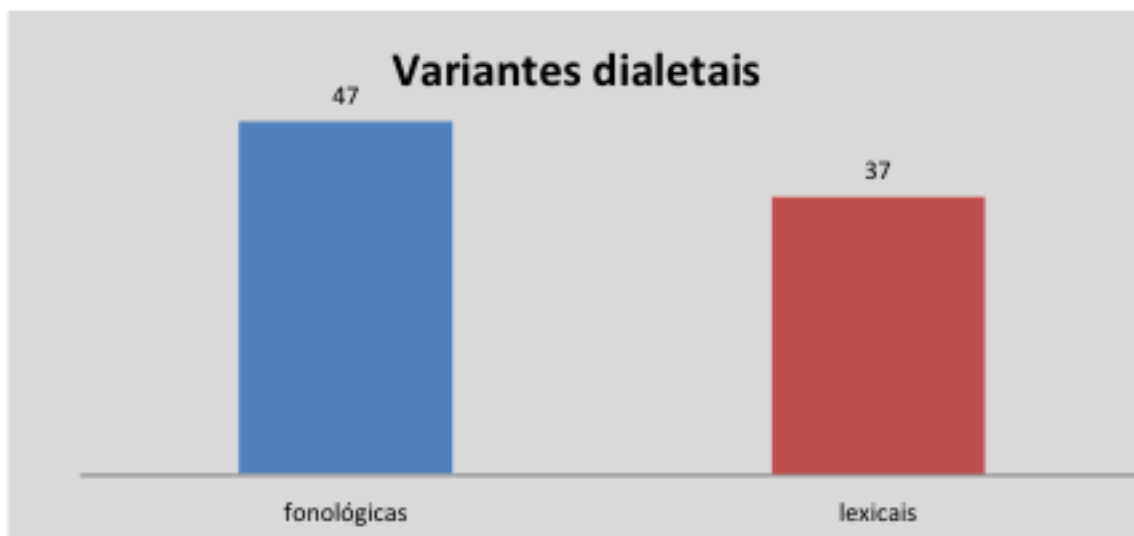


Gráfico 13 – Variantes dialetais

As variantes fonológicas devem-se a alterações na configuração manual (43%), na orientação da mão (17%), no movimento do gesto (19%) e à introdução ou queda da mão não dominante (21%).

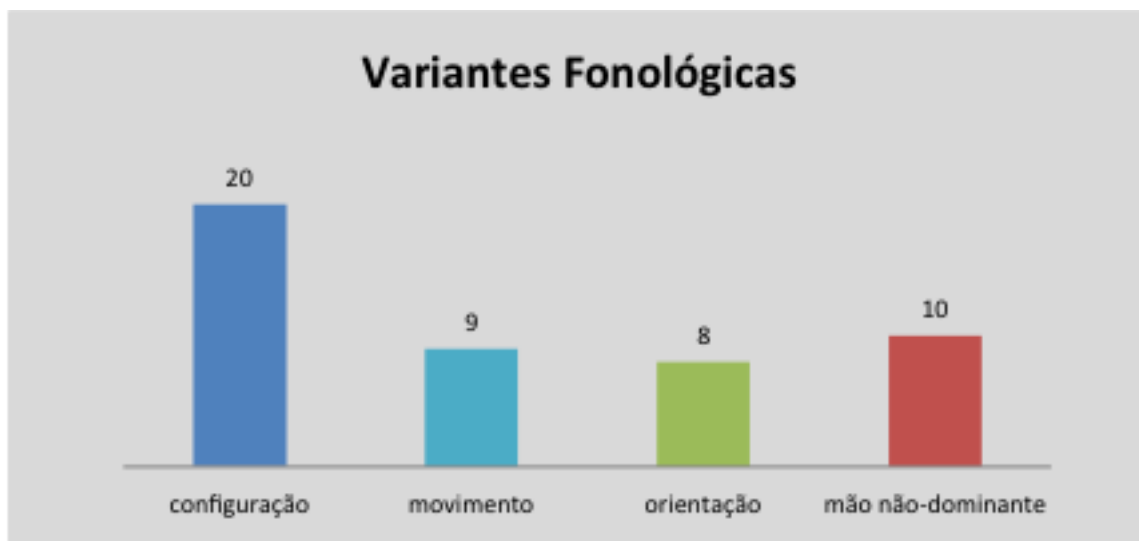


Gráfico 14 – Variantes fonológicas encontradas

As variantes lexicais resultam de aspetos relacionados com processos de composição, através da junção de um ou mais gestos (43%) ou da introdução de pelo menos uma letra (16%), note-se que este último processo é altamente influenciado pela língua portuguesa.

Devem-se ainda a processos de derivação morfológica, seja por prefixação, sufixação, afixação, regressão ou queda de um dos gestos compostos (41%).

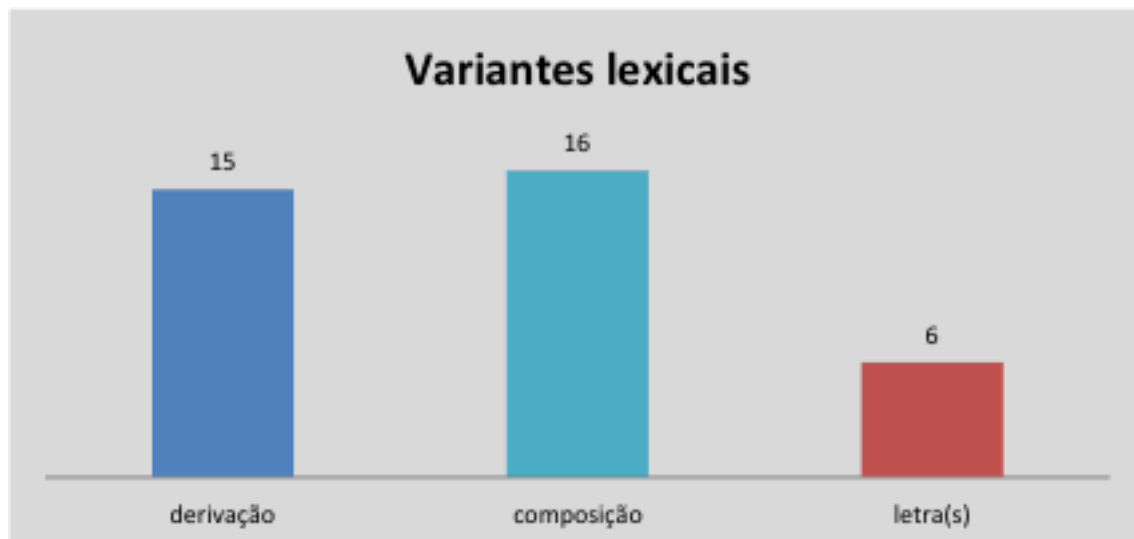


Gráfico 15 – Variantes lexicais

5. Discussão e Conclusões

Este estudo prova não só que as línguas gestuais são diferentes umas das outras, como possuem regionalismos, o que lhes confere um estatuto de línguas gestuais e não linguagens gestuais.

À luz de estudos sociolinguísticos, antropológicos e etnográficos comunicacionais fez-se a análise dos resultados obtidos.

Segundo alguns estudos no âmbito da Sociolinguística Internacional,²⁸ chegou-se à conclusão que “a fala-em-interação está sujeita a mudanças e interpretações que podem variar de acordo com o comportamento linguístico (...), que, por sua vez, é controlado por (e controlador de) inúmeros contextos específicos, e estes podem ser mais bem apreendidos pelos participantes (ou mesmo pelo analista) em função da situação informada ou do “sentido comunicado” específicos que se estejam perquirindo”. Atende-se ainda à premissa “a noção de comportamento ...não partirá de factos e evidências apriorísticos, mas, pelo contrário, buscará, na apreensão empírica dos dados apresentados, o que normalmente se denomina de “fenómenos sociolinguísticos””. Estas respostas parecem “pertinentes à dinâmica do processo de comunicação que se altera à medida que os participantes interagem, processo este que não é estanque ou determinado exclusivamente por fatores variacionistas prévios ou por noções idealistas que, portanto, pressuporiam um modelo de certa forma “estático” de comunicação, na medida em que tal modelo poderia ser previamente delimitado, antes mesmo de os dados empíricos serem recolhidos numa situação comunicada específica (...)”.²⁹

Para além dos comportamentos sociolinguísticos, o conhecimento da etnografia da comunicação numa determinada situação ou das influências sociolinguísticas dos falantes e dos gestuantes, da contextualização do discurso, do canal, da forma das mensagens e das consequentes inter-relações na preferência e no uso de um ou outro gesto, são muito pertinentes.³⁰

É sabido que a LGP, língua utilizada pela comunidade surda portuguesa, tal como a língua portuguesa e outras línguas, não é falada uniformemente em todo o país. Numa

²⁸ Fiorin, J. L. (2002). *Introdução à lingüística I: Objetos teóricos*.

²⁹ Caetano, M. www.gostodeler.com.br.

³⁰ Coelho, O. (2005). *Perscrutar e escutar a surdez*.

perspetiva histórica, em algumas regiões de Portugal, as pessoas surdas pertencentes à comunidade surda foram criando gestos característicos, sendo que podemos concluir que as principais regiões em que são notórias as variações dialetais da LGP são as regiões do Porto, Lisboa, Coimbra.

De acordo com os gráficos anteriormente estudados podemos afirmar que neste estudo encontraram-se grandes variações dialetais sobretudo de ordem fonológica e lexical. Pelo que se pode concluir que, tal como na língua oral, também a língua gestual possui dialetos e estes são importantes na construção de uma comunidade.

De acordo com os objetivos específicos propostos para este trabalho, verificou-se que, tal como podemos verificar na recolha feita, (1) a LGP difere de região para região, o que prova a existência de diversos regionalismos em todo o território Português; (2) os indivíduos da nossa amostra mostraram que os regionalismos mais relevantes se situam em Lisboa e no Porto; (3) as variantes dialetais são relativamente parecidas (na sua maioria de ordem fonológica), tornando mais fácil a sua compreensão entre falantes de diferentes regiões; (4) a língua portuguesa parece ter alguma influência na LGP (apenas 16% das variantes lexicais é devida à introdução de uma ou mais letras nos gestos), no entanto seria necessário dados mais alargados para obter resultados mais consistentes neste ponto; (5) por fim, atualmente, os indivíduos recorrem preferencialmente a gestos de Lisboa, sendo esta a cidade com maior percentagem de gestos padrão, bem como de variantes dialetais.

Assim sendo, podemos salientar a importância deste estudo pelo facto de atualmente em Portugal não existir nenhum outro semelhante. Tornou-se também essencial alertar as pessoas para o facto de a língua gestual não ser universal nem ser igual de norte a sul do nosso país, tal como a língua oral não o é, existindo diversos sotaques e pronúncias. É possível, então, afirmar que o contributo deste estudo é dado a nível informativo, pois alerta, a quem o possa ler, para os diferentes dialetos existentes de norte a sul de Portugal.

Desta forma, futuros estudos poderão utilizar uma amostra com um maior número de pessoas surdas, assim como utilizar uma metodologia de recolha de dados mais refinada.

6. Bibliografia

- Afonso, C. (2007). *Reflexões sobre a surdez - A educação dos surdos*. Gailivro. Vila Nova de Gaia.
- Amaral, M. A., Coutinho, A. & Martins M. R. D. (1994). *Para uma gramática da língua gestual portuguesa*. Editorial Caminho. Lisboa.
- Botelho, F., Vieira, I., & Adragão, J. V. (1996). *Língua portuguesa - Antologia de Textos*. Escola Superior de Educação de Setúbal. Setúbal.
- Caetano, M. (s.d.). www.gostodeler.com.br. Obtido em 24 de Maio de 2011.
- Carvalho, J. G. (1973). *Estudos linguísticos*. Vol. 1. 2ª Edição, Atlântida Editora. Coimbra.
- Ciccone, M. (1996). *Comunicação total: Introdução - estratégias; a pessoa surda*. 2ª Edição, Cultura Médica. Rio de Janeiro.
- Cintra, L. F. (1995). *Estudos de dialectologia portuguesa*. 2ª Edição, Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa.
- Coelho, O. (2005). *Perscrutar e escutar a surdez*. Edições Afrontamento. Lisboa.
- Cunha, C. & Cintra, L. (1984). *Nova gramática do português contemporâneo*. Livraria Sá da Costa. Lisboa.
- Esperança, E. J. (1989). *A comunicação não-verbal*. Instituto do Emprego e formação Profissional. Lisboa.
- Faria, I. H., Pedro, E. R., & Gouveia, C. A. (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. 2ª Edição, Editorial Caminho. Lisboa.

- Federação Portuguesa das Associações de Surdos (2010). *Surdos Notícias* (Junho). p. 10.
- _____ (2010). *Surdos Notícias* (Setembro). p. 23.
- _____ (2010). *Surdos Notícias* (Dezembro). p. 23.
- _____ (2011). *Surdos Notícias* (Março). p. 4.
- _____ (2011). *Surdos Notícias* (Setembro). p. 23.
- Ferreira, A. V. (1997). *Gestuário*. 3ª Edição, Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência. Lisboa.
- Ferreira, A. V., & Moura, F. F. (1991). *Comunicação bimodal e português gestual - Guia básico para pais e educadores*. 1ª Edição, Areal Editores. Porto.
- Fiorin, J. L. (2002). *Introdução à lingüística I: Objetos teóricos*. 2ª Edição. Contexto. São Paulo.
- Fromkim, V., & Rodman, R. (1993). *Introdução à linguagem*. Livraria Almeida. Coimbra.
- Guarinello, A. C. (2007). *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. Plexus. São Paulo.
- Marcellesi, J. B., & Gardin, B. (1974). *Introdução à sociolinguística*. Aster. Lisboa.
- Martins, M. (2008). *Construção da identidade cultural em jovens surdos: Influência da educação bilíngue*. Dissertação de mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos. Universidade Católica Portuguesa.
- Mateus, M. H., Brito, A. M., Duarte, I. S., & Faria, I. H. (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Livraria Almedina. Coimbra.
- Mateus, M. H., & Carneira, E. (2007). *O essencial sobre língua portuguesa - Norma e variação*. Editorial Caminho. Lisboa.

- Miles, D. (1988). *British sign language - A beginner's guide*. BBC Books. Wales.
- Peres, J. A. & Mória, T. (1995). *Áreas críticas da língua portuguesa*. Editorial Caminho. Lisboa.
- Sandler, W., & Lillo-Martin, D. (2006). *Sign language and linguistic universals*. Cambridge University Press. Cambridge.
- Soares, M. B. (1991). *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. Ática. São Paulo.
- Stokoe, W. (2006). “Língua gestual como primeira língua da humanidade”. In: Bispo *et al.*. *O gesto e a palavra I*. Páginas 339-348. Editorial Caminho. Lisboa.
- Stokoe, W. (1970). *Sign language diglossia*. Studies in Linguistics 21 (1969), pp. 27–41.
- Saussure, F. (1969). *Curso de linguística geral*. Cultrix. São Paulo.
- Martins, M. H., & Cardeira, E. (2007). *O essencial sobre língua portuguesa: Norma e variação*. Editorial Caminho. Lisboa.
- Martins, M. (2008). *Construção da identidade cultural em jovens surdos: Influência da educação bilíngue*. Dissertação de mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos. Universidade Católica Portuguesa.
- Mateus, M. H., Brito, A. M., Duarte, I. S., & Faria, I. H. (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Almedina. Coimbra.
- Mesquita, I. & Silva, S. (2007). *Guia prático de Língua Gestual Portuguesa: Ouvir o silêncio*. Nova Educação. Braga.
- Miles, D. (1988). *British sign language: A beginner's guide*. BBC Books. Wales.
- Mineiro, A. (2009). *Introdução aos estudos linguísticos*. Universidade Católica. Lisboa.

Morgado, M. (2008). *Transmissão de valores a jovens surdos: modelos e condições de acesso*. Dissertação de mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos. Universidade Católica Portuguesa.

Morgado, M. & Martins, M. (2008). *Reconhecimento da língua gestual portuguesa: 10 anos, 1997 – 2007*. Surd'Universo. Lisboa.

Sacks, O. (1989). *Vejo uma voz: Uma viagem ao mundo dos surdos*. Relógio d'Água. Lisboa.

Saussurre, F. (1969). *Curso de linguística geral*. Cultrix. São Paulo.

Shroyer, E., & Shroyer, S. (1986). *Signs across America: A look at regional differences in American Signs Language*. Gallaudet College Press. Boston.

Tarallo, F. (1985). *A pesquisa sociolingüística*. Ática. São Paulo.

7. ANEXOS